

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Estudo dos  
Media e do Jornalismo, realizada sob a orientação científica do Professor  
Doutor Daniel Cardoso.

*Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, mesmo nas ideias mais malucas – como estudar BDSM no curso de jornalismo e, agora, estudar pornografia feminista. À minha tia, Maria José, por ter sido uma referência e exemplo de academia, além de toda a ajuda para eu chegar aqui. Ao meu irmão, que me deu a fé para eu não desistir quando era o que eu mais queria.*

# **A negociação com a pornografia feminista dentro de grupos no Facebook**

**How feminist pornography is decode on Facebook groups**

**Giulia Carolina Trecco Vaz**

## **Resumo**

Esta dissertação pretende analisar a resposta de 260 mulheres membros de grupos feministas no Facebook, coletadas através de um questionário sobre pornografia feminista. Para esta pesquisa, trataremos a pornografia como um produto audiovisual e mediático, que precisa ser socialmente contextualizado para ser entendido. Usando análise temática e apresentação dos resultados finais, incluindo a tabulação cruzada de respostas, que levaram aos seguintes subtemas e temas, podemos concluir que a "pornografia" não tem uma definição consensual dentro dos grupos feministas. Isto pode ser entendido como um subproduto das diferentes correntes dentro do feminismo, algumas das quais apoiam o trabalho sexual, e algumas das quais são contra; e a diferença de influência e impacto que eles têm.

## **Abstract**

This dissertation intends to analyze the response of 260 women members of feminist groups on Facebook, collected through a questionnaire on feminist pornography. For this research we will treat pornography as an audiovisual and media product, which needs to be socially contextualized to be understood. Using thematic analysis and presentation of final results, including cross-tabulating responses, which led to the following themes and sub-themes, we can conclude that "pornography" does not have a consensual definition within feminist groups. This can be understood as a byproduct of the different currents within feminism, some of which support sex work, and some of which are against it; and the difference in influence and impact they have.

**Palavras-chave:** pornografia, pornografia feminista, análise temática, redes sociais

**Keywords:** pornography, feminist pornography, thematic analysis, social networks

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| Introdução.....  | 1  |
| Capítulo I: Pornografia e feminismo: enquadramento teórico .....                 | 7  |
| I. 1. O que é pornografia?.....  | 7  |
| I. 2. O feminismo e a pornografia: antipornografia vs. <i>sex-positive</i> ..... | 9  |
| I. 3. Pós-pornografia: Preciado e a contra-sexualidade.....                      | 12 |
| I. 4. Pornografia como trabalho sexual.....                                      | 13 |
| Capítulo II: Pornografia <i>mainstream</i> vs. Pornografia feminista .....       | 15 |
| Capítulo III: Metodologia de pesquisa .....                                      | 17 |
| III. 1. Considerações sobre a análise temática.....                              | 18 |
| III. 2. A aplicabilidade na pesquisa .....                                       | 19 |
| Capítulo V: Apresentação dos resultados.....                                     | 21 |
| Conclusão .....  | 39 |
| Bibliografia .....   | 43 |
| Anexos: Resultado do questionário .....  | 45 |

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação surge do interesse em dar seguimentos aos estudos da graduação relacionados à sexualidade e ao fetiche. Aqui, resolveu-se partir para a sexualidade sob o viés feminista, a partir de um produto mediático – a pornografia.

Esta dissertação parte de um questionário utilizado para entender a negociação de mulheres feministas com a pornografia feminista. A partir do material optou-se por utilizar uma das perguntas que fundamentou o objetivo e o problema de pesquisa para a análise temática conforme apresentado. O problema de pesquisa deste estudo foi definido da seguinte forma: É possível produzir pornografia feminista?

Esta pesquisa mostra-se relevante no contexto atual porque, a partir dela, é possível, por exemplo: quebrar o estereótipo de que mulheres não consomem pornografia; compreender como o público leigo cria suas próprias definições do que é pornografia; permite um olhar crítico da pornografia *mainstream*; e ter uma compreensão mais aprofundada sobre como temas em torno na representação da sexualidade são entendidos dentro do movimento feminista em contexto capitalista.

Para chegar a uma compreensão das respostas destas mulheres primeiro, foi preciso olhar para as teorias por traz dos principais conceitos que surgem nesta pesquisa: pornografia, feminismo e pornografia feminista. Para isso, utilizaram-se pesquisas de autores referenciados nos capítulos a seguir.

O conceito que conhecemos hoje sobre pornografia, visando excitação sexual do seu público surgiu somente no final do século XIX – mas ainda hoje não há uma definição exata. Nesta pesquisa, utiliza-se a pornografia, enquanto produto audiovisual e mediático, para fins de estudos e contextualização com o tema.

Durante as décadas de 1970 e 1980, as feministas Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin, preocupadas com o impacto dos filmes pornográficos nas mulheres, encabeçam o movimento feminista antipornográfico. Em 1982, o texto *Thinking Sex*, de Gayle Rubin, traz ao público o pensamento da corrente feminista *sex-positive*, que se propunha a tirar a sexualidade da marginalidade. Duas décadas depois, surge o conceito de pós-pornografia.

Outro ponto abordado neste trabalho, será a pornografia como trabalho: trabalho sexual.

“Nesses cenários, o papel do sexo comercial é prover o cliente com um mundo de fantasia de subserviência sexual e com uma abundância que neutraliza os reais déficits de poder masculino experienciados no cotidiano. Sem contestar essas considerações, gostaria de sugerir que a procura masculina de intimidade sexual mediada pelo mercado está orientada por um conjunto adicional de transformações históricas” (Bernstein, 2008, p. 332).

No contexto de pornografia enquanto trabalho sexual, também temos as visões do feminismo antipornográfico e do sex-positive. Partindo de um ponto de vista que coloca o sexo como a raiz da opressão feminina, a atriz pornô é vista como um objeto sexual, um ser passivo. Já na visão que coloca o sexo como fonte de poder feminino, esta profissional é vista como um símbolo da autonomia da mulher.

Isso porque na pornografia a representação do feminino são muitas. Fica claro que nivelar toda a pornografia mainstream como subjugadora das mulheres seria uma análise rasa, por isso, é preciso procurar entender as diferenças entre os tipos de pornografia de uma forma menos especulativa.

Foi preciso entender o surgimento de *netporn*, conteúdos já próprios para sites e plataformas online, já são feitos com este propósito, em geral são vídeos amadores. Diferente de *porn on the net*, que são basicamente conteúdos reciclados, feitos para um outro fim.

Chega-se ao ponto de definir o que é a pornografia feminista, ao que se recorreu aos textos de Tristan Taormino, que define a pornografia feminista como uma produção justa, ética e com um ambiente de trabalho positivo. E que pretende contra-atacar as mensagens do pornô mainstream. E também admite que não há, de fato, uma definição padrão de pornografia feminista.

A pornografia feminista se diferencia do pornô *mainstream* ao propor-se a produzir conteúdo performático baseados nas ideologias feministas de igualdade de gênero.

A partir do exposto o objetivo deste estudo foi analisar a negociação de mulheres feministas com a pornografia feminista. Ao falar em negociação, recorreu-se ao texto de 1980, de Stuart Hall, no qual ele identifica a posição de negociação para a interpretação da mensagem. Basicamente, uma posição negociada é aquela em que o seu sentido entra

em negociação com a bagagem dos receptores. Isso ficou claro nas respostas das participantes.

Apesar de todas entrevistadas serem feministas, teoricamente, com os mesmos ideais e propósitos, nenhuma resposta é igual a outra – o que resultou um material rico e interessante a ser analisado e dissertado.

# 1. Pornografia e feminismo: enquadramento teórico

## 1.1 O que é pornografia?

Durante a pesquisa, pude comprovar quão desafiador pode ser conceituar a pornografia. Não há um consenso entre pesquisadores, até porque não há um conceito para todos os estudos sobre pornografia. A palavra vem da grafia grega *pornographos*, ou "escritos sobre prostitutas". Lynn Hunt (1993) faz uma historiografia da pornografia – a partir de 1500 – e afirma que no começo era mais frequente um veículo usar o sexo para chocar e criticar as autoridades políticas. Somente em meados do século XVIII a pornografia deixa de ser uma forma secundária de crítica e passa a ser um objetivo em si mesmo.

De acordo com Cardoso (2016), pornografia e obscenidade estão ligados nos contextos em que a palavra foi definida.

“É preciso considerar que tem sido construída uma relação de subordinação entre pornografia e obscenidade – nos variados contextos em que “pornografia” foi normativamente definida, só o foi enquanto subconjunto de uma expressão mais abrangente (e moralmente carregada): o obsceno. Por outras palavras, não existem formulações *normativas* ocidentais vigentes de pornografia que não a coloquem como uma subsecção do discurso obsceno” (Cardoso, 2016, p. 60).

Para Hunt (1999) a pornografia seria uma paródia da experiência nova e íntima das mudanças sociais que ocorreram com o passar dos séculos. Para a autora a obscenidade mencionada anteriormente distingue as ideias de público e privado.

“A palavra obscena representa o contraste entre diferentes registros sociais da linguagem – rude e elegante, proletária e aristocrática, masculina e feminina. Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a linguagem obscena cria o fetiche de certos vocábulos relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche. Em consequência, a ênfase no realismo transforma-se, paradoxalmente, em uma forma grotesca, os falos são sempre imensos, as vaginas multiplicam-se e o ato sexual é uma espécie de frenesi improvável. Isso resulta em uma pornografia imaginária e, às vezes, fantástica, ainda que os efeitos sobre os leitores fossem bastante reais” (Hunt, Lynn; 1999; p. 39).

Hunt também chama atenção para o papel principal das mulheres nestas obras (quase sempre na figura de prostituta). A autora não se esquece de mencionar a representação em romances como os de Sade, em que as mulheres são vítimas. E seus

corpos servem apenas ao prazer masculino. Ficando claro que o que as obras buscavam não era a libertação sexual da mulher, e sim a servidão sexual aos homens.

Ao responder à questão: “o que é a pornografia?”, Attwood *apud* Cardoso (2016) recorre as práticas dos *cultural studies*, para compreender mudanças nos “padrões de uso dos *media* e das tecnologias, na sua regulação, governança e na significância das práticas e representações sexuais” (Attwood *apud* Cardoso, 2016).

Uma das definições que mais aparece em pesquisas sobre o tema é a de pornografia enquanto "expressões escritas ou visões que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais" (Gregori, 2003, p. 94).

Porém é claro que hoje a sua intenção é voltada para o lucro. Como explica Patáro (2014), no último século é que a “pornografia se construiu como uma importante fatia do mercado de consumo”:

“Foi a partir da década de 1970, nos Estados Unidos, que os filmes pornográficos começaram a ter maior expressividade e passaram a lucrar com a venda de imagens de sexo, sendo os filmes partes constituintes do que compreendemos hoje por pornografia, ao lado de fotografias, revistas, livros e lojas dedicadas a falar e vender o sexo” (Patáro, 2014, p. 15).

Paul B. Preciado (que, na altura, assinava como Beatriz Preciado) define em seu livro ‘Testo Younqui’ a pornografia como:

“1. A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório. A pornografia como indústria cinematográfica tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. O que caracteriza a imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, independente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção do prazer. (...) 2. A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital, ou, dito de outro modo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável. Uma representação adquire o status de pornografia quando põe em voga o "tornar-se público" daquilo que se supõe como privado. Há aqui outra definição possível de pornografia: dispositivo de publicação do privado. (...) 3. A pornografia é teletecnomasturbação. (...) 4. A pornografia reúne as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: virtuosidade, possibilidade de reprodução técnica (...). A única diferença, nesse momento, é seu status underground” (Preciado, 2008, p. 179-180).

O conceito como conhecemos hoje, “visando excitação sexual de seu público como única motivação e um fim em si mesma é um conceito recente, datando apenas do final do século XIX.” (Leite Jr, 2006, p. 45). Patáro encontra em sua pesquisa a definição

que mais se encaixa na pornografia como o que conhecemos hoje – filmes com conteúdo sexuais voltados para a satisfação do telespectador.

“A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório. É a sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública, onde "pública" implica direta ou indiretamente comercializável, ou seja, um dispositivo de publicização do privado, apresentando comportamento genital e sexual explícito” (Patáro, 2014, p. 27).

Então o que nós utilizaremos como pornografia aqui, para efeitos práticos da pesquisa, é o conceito de pornografia enquanto produto mediático, audiovisual. É inevitável não relacionar este conceito aos novos *media* e coma chamada web 2.0, afinal, nos dias de hoje, alugar ou comprar um filme em formato físico é menos comum. Com a internet, houve um aumento de possibilidades de produção, devido aos avanços tecnológicos, que aumentaram a qualidade do material, mas, sobretudo, surgem novas alternativas de criação (e pontos de vista).

Attwood *apud* Parreiras (2012) acredita que o online não é simplesmente uma extensão da pornografia comercial offline, mas cria novas oportunidades de produção e consumo, acabando com a diferenciação a divisão entre produtores e consumidores, como foi explicado acima.

“Vem daí o significativo crescimento na quantidade de vídeos amadores, o aparecimento de uma série de sites com interação via webcam e, como um efeito interessante desse processo, o fortalecimento de gêneros alternativos ao mainstream, como, por exemplo, o *altporn*, o *kink* (pornografia BDSM e fetichista) e a pornografia feminista” (Parreiras, 2012).

## **1.2 O feminismo e a pornografia: antipornografia vs. *sex-positive***

Durante a década de 1970, os Estados Unidos estão divididos em relação a pornografia. Surgem processos públicos contra a produção de pornografia, considerando o material obsceno e, portanto, não deveria ser consumido. Neste período, surge uma corrente feminista que apoia este posicionamento contrário à produção de pornografia.

As feministas Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin passam, neste período, a advogar a censura de determinadas produções pornográficas, porém, não preocupadas com a obscenidade dos materiais – nudez e a prática sexual em cena. A corrente antipornográfica surge com a preocupação do impacto coercivo que estes filmes que

misturavam sexo e violência poderiam vir a ter nas mulheres. Mesmo nos casos em que não houvesse violência em cena, o papel que a mulher representaria nestes filmes (subordinadas aos homens) poderia ter um impacto negativo na sociedade.

Para esta corrente do feminismo, a desigualdade entre os géneros começa com a alienação da sexualidade feminina. MacKinnon explica em uma de suas obras:

“A sexualidade é para o feminismo, o que o trabalho é para o marxismo: aquilo que mais nos pertence, e aquilo que mais nos é tomado [...]. Assim como a expropriação do trabalho de alguns para benefícios de outros define classe e trabalhadores, a expropriação organizada da sexualidade de alguns para uso de outros define sexo e mulheres” (MacKinnon, 1982, p. 3).

Em 1983, MacKinnon e Dworkin aliam-se a uma direita fundamentalista cristã – e ao feminismo lésbico – para tentar banir a pornografia. Elas criam um anteprojeto de lei em que apontam os problemas da pornografia, sob o ponto de vista da subordinação sexual da mulher. Com esta postura, esta corrente do feminismo ficou conhecida na época por feminismo radical.

Gregori (2003) critica a ideia introduzida com o movimento antipornografia:

“Catharine MacKinnon – considerada um dos avatares do feminismo radical – apresenta uma análise das relações sexuais como sendo estruturadas pela subordinação de tal modo que os atos de dominação sexual constituem o significado social do ‘homem’, e a condição de submissão o significado social da ‘mulher’. Esse determinismo rígido, segundo Judith Butler, traz pelo menos, duas implicações: em primeiro lugar, a noção de que toda relação de poder é uma relação de dominação, toda relação de género, pois, só pode ser interpretada por esse crivo; implica também a justaposição da sexualidade ao género – entendido a partir de posições rígidas e simplificadas de poder – associando-o, sem maior exame ao ‘homem’ ou à ‘mulher’. O feminismo radical hasteou sua bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sadomasoquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. É importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo” (Gregori, 2003; pg. 101-102).

Em 1982, a chamada IX Conferência Academia e o Feminismo "em direção a uma política da sexualidade", propõe-se a discutir novas abordagens sobre a sexualidade. Dois anos depois, Carole Vance organiza artigos debatidos neste encontro no livro *Pleasure and Danger*. O texto *Thinking Sex*, de autoria da Gayle Rubin, é um dos que aparece no livro e coloca em pauta o pensamento da corrente *sex-positive feminists*, que se propunha a tirar a sexualidade da marginalidade.

Segundo Gregori (2003), o livro de Vance foi um marco desconstrutor do pensamento antipornográfico predominante até então.

“Carole Vance e Gayle Rubin são duas teóricas que marcaram a visão de sexo e sexualidade como positiva, produtiva e que as mulheres poderiam abusar de seus corpos e de seus desejos. Problematizaram, em suas teorias, o lugar em que a mulher estava sendo colocada enquanto dominada e elucidaram novos espaços para os prazeres” (Patáro, 2014; p. 48).

Como o próprio nome sugere, em *Pleasure and Danger* Vance defende que a sexualidade feminina é composta por estes dois elementos – prazer e perigo. É necessário ressaltar que a autora não desconsiderava a premissa de que a sexualidade da mulher é um espaço repressor e sujeito a violência. Porém, a sexualidade não deve ser anulada e sim vista com a possibilidade de autodescoberta do prazer.

“A autora concorda com as afirmações sobre os possíveis perigos que a fruição livre da sexualidade feminina implica, no sentido de que estupro, abuso e espancamento são elementos possivelmente envolvidos no exercício desta liberdade. Eles também estão presentes na promessa do prazer, da descoberta, do lúdico e de novas possibilidades eróticas, que implicariam, inclusive, na quebra da naturalização da sexualidade, tomada apenas como exercício de reprodução” (Santana, 2016; p. 37).

Williams (1989) resume as diferenças entre os dois movimentos feministas que tiveram importância neste período. Para ela, o feminismo antipornográfico traz respostas fáceis para questões complexas demais. Enquanto o *sex-positive feminism*, traz mais problematizações do que respostas.

“A grande questão passa a ser diferente para as feministas anticensura. Muda-se a forma de olhar, antes de querer eliminar a pornografia ou o sexo oral ou o sexo anal e condenar as mulheres que se ajoelham em frente à um homem como o mal de todos os males, mas sim, passa-se a questionar: porque é a mulher que se ajoelha? E ainda mais, é possível retratar uma mulher ajoelhada que não pareça subjugada?” (Patáro, 2014; p. 53).

É importante ressaltar que apesar das nomenclaturas destes dois movimentos sugerirem um antagonismo de ideias – o que de fato ocorre – ambos foram extremamente necessários na busca por novos vieses sobre sexualidade, sob o ponto de vista feminino e que trouxeram consigo importantes pautas na luta por igualdade de gênero.

### **1.3 Pós-pornografia: Preciado e a contra-sexualidade**

Duas décadas depois da conferência que mudaria o rumo da pornografia e do feminismo, Paul B. Preciado (que, como dito anteriormente, assinava então Beatriz

Preciado) aparece para defender uma nova teoria sobre a sexualidade. Apropriando-se, segundo a própria, de conceitos de teóricos e teóricas como Michel Foucault, Monique Wittig, Teresa De Lauretis, Felix Guattari, Donna Haraway, Judith Butler, propõe em seu *Manifiesto contra-sexual*, um rompimento com as recentes reflexões sobre a política da sexualidade e do gênero, não só no feminismo, mas também as tecnologias do corpo e das práticas sexuais, as performances e, conseqüentemente, da pornografia.

“Tomando como base o conceito de Foucault de sexopolítica, Preciado vê a pornografia como constituinte de uma tecnologia sexual focada na biopolítica global de produção e normalização do corpo, sexualidade e prazer, por excluir todas as expressões, as práticas e os corpos que não se encaixam em um conceito de normalidade heterossexual” (Santana, 2016; p. 39-40).

Para Preciado, a ideia da corrente feminista antipornografia de censurar este tipo de material não solucionaria o problema da desigualdade de gênero, ou mesmo da violência contra a mulher. Para ela, a melhor forma de combater o discurso patriarcal e heteronormativo presente da pornografia seria investir numa nova pornografia, com discursos diferentes dos que haviam naquele momento.

Em artigo publicado no jornal El País, em 2007, Preciado afirma que “o melhor antídoto contra a pornografia dominante” é “a produção de representações alternativas, criadas a partir de olhares divergentes”.

“Nas representações ‘pornográficas’ alternativas têm especial destaque as partes do corpo que foram privatizadas/silenciadas em prol de uma normatividade heterossexual, bem como as práticas sexuais catalogadas como ‘monstruosas’ (como o sado-masiquismo). Assim, a pornografia aparece como uma plataforma política de ação e intervenção pública e resistência aos códigos normativos da pornografia tradicional. À reapropriação deste espaço e a sua ‘transformação’ em plataforma de contrapoder/sexualidade Preciado (2004) vai designar de políticas das *multitudes queer*” (Coelho, 2009).

Opondo-se à agenda feminista e homossexual, a política multitude queer proposta por Preciado não se interessa na identidade natural (homem e mulher), nem na definição da orientação sexual (hétero ou homossexual), mas sim foca-se na multiplicidade de corpos que surgem numa contrição de normal vs. anormal. Sendo esses representados pelas lésbicas, as pessoas transexuais, travestis, as drag-kings, as mulheres com barba, o sado-masiquismo, a bissexualidade e tudo o que é marginalizado. O que está em jogo, segundo ela, é encontrar uma forma de resistir ao que Foucault chama de sexopolítica.

---

<sup>1</sup> *Multitudes queer*, segundo Preciado, são os corpos, partes dele e os desejos considerados desprezíveis. Seriam aqueles que fogem da heteronormatividade e, portanto, não se encaixam no padrão da sociedade sendo invisibilizados na norma sexual (e, conseqüentemente, na produção pornográfica).

Segundo Coelho (2009), o conceito de *multitude queer*, suas estratégias políticas e as práticas contra-sexuais alteram a forma como as diferentes correntes do feminismo encaram a pornografia. O debate deixa de ser sobre a censura ou regulação da pornografia e passa a tomar um caráter de reapropriação deste material mediático, transformando-o em um espaço subversivo e que se distancia da heteronormatividade.

A partir deste tipo de material, em que a sexualidade é difusa e não focada em um centro de prazer exclusivo (o falo, objeto central no sexo oral e na penetração heterossexual apresentada na pornografia mainstream), é possível ressignificar a pornografia dando luz a pós-pornografia.

“O pós-pornô, no sentido político e subcultural do termo, encontrou a sua primeira definição na França ocasião de uma queerização de Baise-moi, o filme censurado de Virginie Despentes, em 2001. A censura brutal no século XX, na França, de um filme realizado por uma mulher, colocando em cena elementos de seu próprio estupro, e que foi imediatamente qualificado de pornográfico (em parte por esta razão) constituiu um fator determinante e conjuntural. Foi contra esta censura clássica, isto é, negativa e não positiva (produtiva, para Foucault), que se mobilizou Le Zoo, a primeira associação queer francesa, provocando assim o encontro entre Virginie Despentes, o feminismo e a perspectiva queer” (Bourcier, 2014, p. 25).

## **1.4 Pornografia como trabalho sexual**

Piscitelli (2005) cita Chapkis ao abordar o antagonismo das abordagens feministas sobre sexualidade, colocando a prostituição no ponto central do tema: “De acordo com Chapkis, nessas discussões a prostituta ocupou tanto o lugar da escrava sexual como o do agente mais subversivo dentro de uma social sexista” (Piscitelli, 2005).

Traçando um paralelo entre a prostituta e a atriz pornô, é possível perceber que ambas ocupam a mesma configuração neste mercado do sexo, já que muitas atrizes se prostituem e o mesmo acontece com garotas de programas que se tornam atrizes (Díaz Benites, 2009).

Partindo do ponto de vista que coloca o sexo como a raiz da opressão feminina, a prostituta é vista como um objeto sexual, um ser passivo. Já na visão que coloca o sexo como fonte de poder feminino, a prostituta é vista como um símbolo da autonomia da mulher sobre o seu corpo e desejo. Segundo Piscitelli:

“As práticas da prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma

confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural. Por este motivo, estas linhas consideram que a posição da prostituta não pode ser reduzida à de um objeto passivo utilizado na prática sexual masculina, mas como um espaço de agência no qual se faz um uso ativo da ordem sexual existente”. (Piscitelli, 2005, pg. 14)

Na pornografia a representação do feminino em cena são muitas. Por vezes, pode ser a mulher obediente e submissa, mas por outras é a mulher insaciável, porém, dona de seu prazer. É claro que nivelar toda a pornografia mainstream como subjugadora das mulheres é uma análise rasa, por isso, é preciso perceber as diferenças entre os tipos de pornografia de uma forma menos especulativa.

O mercado do sexo é dividido. Não há como defender apenas um ponto de vista, seja favorável ou contrário à venda de corpos femininos, sendo que as vivências destas mulheres são muito particulares. Oliveira (2013) afirma que “se a vitimização não é intrínseca ao trabalho sexual, também não é verdade que todas as mulheres se sentem libertadas pela prostituição. Seria muito injusto, irresponsável e desonesto ignorar aquelas e aqueles que se sentem vitimadas/os e oprimidas/os no comércio do sexo”.

Bernstein (2008) percebe através dos relatos de clientes de prostitutas que o que os motiva a procurar este mercado sexual não é o que se esperaria. Ao retomar a pesquisa de Monica Prasad e Anne Allison, ela explica que “De fato, narrativas de consumidores de sexo contemporâneos desafiam a oposição cultural-chave entre público e privado que tem ancorado o capitalismo industrial moderno” (Bernstein, 2008).

“Teóricas do gênero, algumas vezes, têm considerado o crescimento recente da indústria do sexo comercial como uma reafirmação reacionária da dominação masculina em resposta aos ganhos do feminismo da segunda-onda (Giddens, 1992; O’Connell Davidson, 1998) ou como uma compensação do enfraquecimento de poder econômico masculino na esfera pública pós-industrial (Kimmel, 2000). Nesses cenários, o papel do sexo comercial é prover o cliente com um mundo de fantasia de subserviência sexual e com uma abundância que neutraliza os reais déficits de poder masculino experienciados no cotidiano. Sem contestar essas considerações, gostaria de sugerir que a procura masculina de intimidade sexual mediada pelo mercado está orientada por um conjunto adicional de transformações históricas” (Bernstein, 2008, p. 332).

## **2. Pornografia mainstream vs. Pornografia feminista**

Como explica Alencastro (2015), “os vídeos pornográficos têm como objetivo o engajamento de seu espectador com o material”. Segundo ela, a pornografia permite a auto projeção de quem a assiste ao manter uma estética amadora em seus vídeos, aproximando, assim, produtor e consumidor.

“É um material que assim como Leite Júnior (2012) afirma, faz um discurso sobre o sexo submetido à lógica da espetacularização que busca atingir a fugacidade das reações físicas e não a constância da razão abstrata. Dessa forma a auto projeção do espectador no vídeo se torna essencial, sendo o objetivo da linguagem visual pornográfica” (Alencastro, 2015, p.59).

Presumindo que o consumidor de pornografia é masculino, o foco da pornografia *mainstream* é o pênis. Para que o espectador se sinta como parte do filme, a câmera quase sempre segue o ponto de vista do ator, passando a quem assiste a impressão de estar vivendo aquela cena.

Já a pornografia feminista é uma proposta estética e política de produzir conteúdos pornográficos (que podem ser longa metragens, fotos, performances e outros) baseados nos ideais feministas, que buscam a igualdade de gênero – visando o prazer feminino ou de outrxs que queiram consumir aquele material.

Tristan Taormino, uma conhecida diretora de pornografia dita feminista, oferece uma definição de fácil assimilação do que é a pornografia feminista, em seu livro ‘The Feminist Porn Book’ – apesar de admitir que não há, de fato, uma definição padrão:

“Primeiro, a produção tem de ser justa e o processo ético, e haver um ambiente positivo de trabalho para todos... O pornô feminista pretende contra-atacar as mensagens que recebemos da sociedade e que são refletidas no pornô mainstream: sexo é vergonhoso, safado, sujo, assustador, perigoso, or que é dominado pelos homens, onde os desejos e fantasias são preenchidos. O pornô feminista cria sua propria iconografia e está comprometida em retratar gênero, raça, etnicidade, nacionalidade, sexualidade, classe, tamanho corporal, mobilidade e idade” (Taormino, 2013, p. 260–262).

Em 2006, surge o *Feminist Porn Award* e Chanelle Gallant, uma das organizadoras da premiação, estreia o prêmio com a afirmação: “O bom pornô é um direito humano!”. No site do prêmio, colocam-se as características as quais definem um pornô feminista:

“Para ser considerado para um Prêmio de Pornô feminista, o filme/curta/site deve reunir pelo menos dois, dos critérios a seguir: 1) Mulheres e/ou pessoas tradicionalmente marginalizadas envolvidas na direção, produção e/ou concepção do trabalho; 2) O trabalho tem que retratar prazer genuíno, agenciamento ou desejo de todos os performers, especialmente mulheres e pessoas tradicionalmente marginalizadas; 3) O trabalho deve expandir os limites da representação sexual no filme, desafiando estereótipos e

apresentando um conteúdo que vá além da pornografia mainstream. Isso pode incluir representação de uma diversidade de desejos, tipos de pessoas, corpos, práticas sexuais, e/ou um quadro antirracista ou anti-opressão ao longo da produção. E, obviamente, deve ser quente!” (Feminist Porn Awards)

Como outras tradições cinematográficas que constroem imagens em movimento em reação a condições históricas e culturais, a pornografia feminista surge a partir de uma ideologia feminista sexualmente positiva (o *sex positive feminist*) – que afirma que a liberdade sexual da mulher é essencial para a liberdade de gênero. Essa onda feminista surge na década de 1980, em oposição ao avanço de movimentos antipornografia (encabeçados como citado antes por Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin).

Essa mudança de pensamento permite que novos diretores produzam conteúdos midiáticos que desafiam os mitos que permeiam a indústria pornográfica tradicional (Taormino, 2013). Em seu livro ‘Good Woman: A Woman's Guide’, a pornógrafa Erika Lust relaciona alguns desses mitos comuns associados à "pornografia falsa e previsível para os homens", incluindo:

“2. Homens sempre ficam rijos; 6. Quando um homem está sufocando uma mulher com o seu pau, ela sempre sorri e sente tesão; 7. Jovens lindas simplesmente adoram fazer sexo com homens gordos, feios e de meia-idade; 13. Toda lésbica é alta, magra e bonita e tem cabelos e unhas compridas” (Lust 2010 21–23).

Parreiras (2012) aponta a importância de diferenciar os materiais pornográficos comumente encontrados online – já que é neste ambiente digital que a pornografia feminista ganha espaço. Paasonen (2010) afirma a existência de duas possibilidades estéticas (mas também com vieses econômico, político e tecnológico diferentes), sendo elas o *porn on the net* e o *netporn*.

“O *porn on the net* seria uma reciclagem de vídeos, textos e imagens pornográficos e sua alocação em sites. Não são materiais pornográficos produzidos especificamente para a internet e podem ser facilmente encontrados em sites de acesso gratuito similares ao YouTube. Associado comumente com o que se chama de indústria pornográfica, esse material é marcado pela estandardização, consumo passivo e lógica da mesmice (Paasonen, 2010). Já o *netporn* se caracteriza por representar pornografias próprias das plataformas e redes online. Os maiores exemplos são o *altporn* e os vídeos amadores. Alguns pontos são marcantes quando se fala em pornografia produzida especificamente para a internet e com as possibilidades fornecidas pelas novas tecnologias: revisão das fronteiras entre produtores e consumidores, crescimento na quantidade de manifestações alternativas ou independentes, tentativa de modificação nas convenções do pornô mais convencional, referencial queer e não-normativo, busca de ruptura com práticas consideradas opressoras e encontradas no *mainstream* (exemplo é a pornografia feminista), resistência à comoditização (*commoditization*)” (Parreiras, 2012, 208).

A pornografia feminista se diferencia do pornô *mainstream* ao propor-se a produzir conteúdo performático baseados nas ideologias feministas – de igualdade. O movimento encaixa-se dentro da pornografia alternativa, que surge para quebrar os padrões até então seguidos pela indústria, colocando-se fora da produção em massa.

Chega-se, então, ao objetivo central desta dissertação: compreender como a pornografia feminista é negociada por mulheres integrantes de grupos feministas no Facebook. A partir de Hall (1973), percebe-se que a representação em cena constitui elementos partilhados por todos os elementos de uma cultura, sendo assim a ideia confirmada. Será que essa concordância ocorre com mulheres com interesse no feminismo sobre a pornografia feminista?

### **3. Metodologia de pesquisa**

A partir daqui, apresenta-se a metodologia utilizada nesta pesquisa, as respostas das participantes e a análise das mesmas. Como dito na introdução, foi-se produzido um questionário sobre pornografia feminista (em anexo) e o mesmo foi divulgado em três grupos feministas no Facebook, os quais não são referidos para manter ao máximo o anonimato das 260 mulheres participantes.

Foram feitas algumas perguntas relativas à temática da pornografia feminista. Entre elas a que será analisada mais a frente: “Acha possível produzir-se pornografia feminista? Qual a sua opinião/posição sobre o assunto?”. Utilizou-se a metodologia de análise temática para chegar a temas sugeridos pelas participantes em suas respostas.

Também foram feitas perguntas sociodemográficas – idade, com quem vivem e cidade (todas as participantes eram brasileiras) e perguntas sobre consumo e posicionamento sobre pornografia.

Para fazer a análise temática e perceber como as mulheres participantes do questionário negociam com o conceito de pornografia feminista utilizou-se as reflexões teóricas de Braun e Clarke. As autoras definem seis etapas para a análise temática e foi a partir destas que se guiou o processo de decodificação das respostas.

### **3.1 Considerações sobre a análise temática**

A análise de temática surgiu nos Estados Unidos com o intuito de analisar material jornalístico. A análise, para muitos autores, trabalha o conteúdo da mensagem no contexto da mesma. O texto, ou mensagem, é um meio de expressão. O papel do pesquisador é definir temas a partir das palavras ou frases que se repetem. Braun e Clarke (2012) resumem a análise de temática como:

“AT é um método para identificar, organizar e oferecer sistematicamente insights sobre padrões de significado (temas) em um conjunto de dados. Ao focar o significado em um conjunto de dados, a AT permite que o pesquisador veja e faça sentido de significados e experiências coletivos ou compartilhados. Identificar significados e experiências únicos e idiossincráticos encontrados apenas em um único item de dados não é o foco do AT. Este método, então, é uma maneira de identificar o que é comum ao modo como um tópico é falado ou escrito e de dar sentido a esses pontos comuns” (Braun, Clarke, 2012, p. 57).

A análise temática pretende encontrar uma série de significações a partir de indicadores percebidos pelo pesquisador. Neste tipo de análise, decodificam-se domínios conforme os temas que emergem do texto. Para classificar os elementos do texto em domínios é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento.

Utilizou-se nesta pesquisa a metodologia de análise temática definida por Braun e Clarke (2012). Segundo elas, a análise temática é composta por seis etapas principais: 1) leitura das respostas para perceber as ideias principais que surgem a partir delas; 2) criação de códigos, que é a fase da organização da pesquisa, onde pode-se utilizar de procedimentos como leitura flutuante, hipóteses e elaboração de possíveis códigos; 3) procura por temas, quando pega-se nos códigos e tenta os agrupar em famílias; 4) revisão dos temas e organização dos temas e códigos definidos na etapa anterior; 5) definição de nomes de cada tema, subtema e código; e 6) o relatório final da pesquisa. Em artigo, as autoras descrevem cada uma das etapas, as quais foram utilizadas nesta dissertação e serão explicadas em processo prático no próximo tópico.

### **3.2 A aplicabilidade na pesquisa**

Como explicado anteriormente, a análise temática divide-se em seis etapas principais. Na fase inicial, o material foi organizado, compondo o corpus da pesquisa.

Das perguntas feitas no questionário, optou-se pela citada na introdução deste capítulo como ponto de partida.

Após esta leitura inicial das respostas das participantes, ocorreu a fase dois, chamada leitura flutuante, momento em que foram elaborados as hipóteses e os objetivos desta pesquisa. Percebeu-se aqui qual seria a pergunta principal e, além disso, que a partir do questionamento sobre ser possível ou não existir a pornografia feminista surgiam posicionamentos e vivências à pornografia diferentes. Já era possível afirmar que o tema não era um consenso mesmo dentro de grupos feministas.

Segundo Braun e Clarke (2012), nesta fase, é importante imergir nos dados. Ler e reler as entrevistas, por exemplo. As hipóteses criadas a partir disso são explicações afirmações iniciais que servirão apenas para ajudar no processo de análise, e ao final do estudo poderão até ser refutadas.

“Este estágio do processo termina quando seus dados são totalmente codificados e os dados relevantes para cada indicador foram colecionados. [...] Dependendo do seu tópico, o conjunto de dados e precisão na codificação, você terá gerado qualquer número de indicadores – não há máximo. o que o que você quer são indicadores suficientes para capturar a diversidade e os padrões, dentro dos dados e indicadores devem aparecer em mais de um item de dados” (Braun, Clarke, 2012, p. 63).

Após a realização da leitura flutuante, Bardin (2011) recomenda a escolha de um índice organizado em indicadores. Neste momento da pesquisa em que esta dissertação se baseia, foi feita uma planilha inicial com possíveis codificações das respostas das participações. Essa codificação, posteriormente, foi exportada ao programa QSR International's NVivo 12<sup>2</sup> onde seria possível fazer a distribuição das respostas entre os diferentes códigos e chegar a conclusões.

Este processo de codificação das respostas restringe-se a escolha de unidades de registro, ou seja, após importadas ao NVivo, passa-se a classificar e agregar as respostas nos respectivos códigos (ou nós como o programa denomina). De acordo com Bardin (2011), os domínios são vistos como classes que agrupam elementos com características comuns. Podem ser adotados alguns critérios e, nesta pesquisa, utilizou-se o critério semântico (por temas). Isto permite unificar toda a informação reunida em duas etapas:

---

<sup>2</sup> Programa de análise de resultados (<https://www.qsrinternational.com/nvivo/nvivo-products>)

inventário, onde os elementos comuns são isolados; e classificação, onde estes são divididos e organizados.

Na etapa seguinte, os temas desenvolvidos foram revisados de acordo com os temas e códigos criados, e também a todo o conjunto de respostas obtidas, organizando-os de maneira coerente. Braun e Clarke (2012) afirmam que esta fase é essencialmente sobre a verificação da análise qualitativa.

“Não é possível manter todo o seu conjunto de dados no seu cabeça. O primeiro passo é verificar seus temas contra os extratos colecionados de dados e para explorar se o tema trabalha em relação aos dados. Se isso acontecer você precisa descartar alguns códigos ou realocar eles sob outro tema; alternativamente você pode redesenhar os limites do tema, para que mais significativamente capta os dados relevantes. E se esses ajustes não funcionam, você pode precisar descartar seu tema completamente e começar de novo. Você não deve forçar sua análise a coerência” (Braun, Clarke, 2012, p. 65).

Neste momento a seguir da pesquisa, fez-se uma nova passagem pelos códigos e, no fim, ainda estivemos a rever se alguns nomes de temas e códigos estavam coerentes, definir alguns termos pensando até que ponto as nomeações criadas anteriormente ilustravam ou não aquilo que está a ser dito nas respostas das participantes do questionário.

Percebeu-se uma hierarquia mais concreta entre temas, subtemas, códigos e até mesmo subcódigos. A nomeação dos mesmos foi pensada de forma a ser o mais clara possível, até porque “um bom nome de tema deve ser informativo, conciso e cativante” (Braun, Clarke, 2012, p. 68).

Chega-se então a fase final que é, basicamente, a dissertação que está a ler e o resultado da análise, que será apresentado no capítulo seguinte. Braun e Clarke (2012) colocam alguns pontos que fazem uma apresentação de resultados – seja em artigo, seja em dissertação – ser realmente boa e é o que se espera alcançar no tópico a seguir.

“Ao contrário da pesquisa quantitativa, não completamos nossa análise dos dados e, em seguida, escrevê-lo. Escrita e análise são completamente entrelaçadas em pesquisa qualitativa – da escrita informal de notas para os processos mais formais de análise e elaboração de relatórios. O objetivo do seu relatório é fornecer uma história convincente sobre seus dados com base em sua análise. A história deveria ser convincente e clara, ainda que incorporada num ambiente acadêmico. Mesmo para TA descritiva, ela precisa ir além descrição para fazer um argumento que responde sua pergunta de pesquisa” (Braun, Clarke, 2012, p. 69).

#### 4. Apresentação dos resultados

Depois de seguir cada uma das etapas descritas até aqui, cheguei a uma grelha (gráfico 1) categorizada em: temas, subtemas, códigos e até mesmo subcódigos – isto porque havia demasiado detalhe nas respostas para manter apenas três níveis, como é usual na análise temática, e tomou-se a decisão de estender mais um nível para captar a complexidade das respostas. Apresenta-se também a explicação de cada um destes códigos com exemplos para cada um (tabela 1).

A análise temática de todas as respostas recebidas resultou em cinco temas principais: Pornografia e feminismo; posicionamento pessoal; definição de pornografia feminista; definição da indústria pornográfica tradicional; e valores sociais.

As definições oferecidas pelas participantes apontavam, muitas vezes para uma percepção pessoal da pornografia feminista. Para manter a privacidade das respondentes, não lhes foi pedido o nome no questionário e utilizei outros dados para apresentar as respostas individuais. No caso, escolhi usar a idade e se era ou não consumidora de pornografia, porque são as informações mais relevantes para essa pesquisa.

As participantes, apesar de terem em comum o fato de serem mulheres feministas, ofereceram respostas com percepções diferentes, criando um material extremamente rico. As definições oferecidas pelas participantes apontam para uma conexão entre os códigos. As respostas apontavam, muitas vezes para uma percepção pessoal da pornografia feminista como em “Não tenho opinião 100% formada do assunto, e como mulher feminista que consome pornografia, me sinto bem dividida. Acho que pornografia tem sua importância, mas não saberia dizer como exatamente poderia melhorar.”, (30 anos, consumidora de pornografia).

Algumas participantes resumiram-se a responder basicamente sim ou não, a afirmar que concordavam ou discordavam com a pergunta: “Você acha que é possível produzir pornografia feminista? Qual a sua opinião/posição sobre o assunto?”. Para apresentar as respostas, as definições foram codificadas muitas vezes em mais de um código – por exemplo, “Acho que dá sim. Eu procuro assistir mais coisas onde a mulher não esteja tão submissa e subjugada ao homem. Então seria bacana de ver.” (24 anos, consumidora), codificado tanto em códigos de ‘Posicionamento pessoal’, quanto de

‘Definição da indústria pornográfica tradicional’. A seguir, será apresentada a descrição dos temas emergentes da entrevista.

Como é possível ver na grelha abaixo, o tema da ‘Definição de pornografia’ está separado em outro quadro. Isso porque, apesar da importância de todas as respostas para se chegar a conclusões sobre a pornografia feminista, como o objetivo era saber se estas mulheres veem como possível ou não produzir pornografia feminista, fica claro que este é o tema mais importante.

Neste tema, as respostas traziam definições das participantes ao que elas entendem por pornografia feminista, se é Possível ou Impossível produzir e definir pornografia feminista e os códigos destes dois subtemas refletem nos motivos.

No subtema Possível, foram definidos os seguintes códigos: Visibilidade do prazer feminino, Realismo, Promoção da saúde sexual, Mudança estrutural (código no qual surgiram também subcódigos como Mulheres como produtoras, Mulheres como target principal, Regulamentação, Não violento, Combate ao machismo e Contraponto ao mainstream (post porn). Isto porque as repostas apontavam para mudanças necessárias para que fosse possível diferenciar a indústria pornográfica tradicional da feminista), e continuando com os códigos: Reversão de papéis de género, Igualdade de género e Empoderamento feminino.

Já no subtema Impossível, foram definidos os seguintes códigos: Objetificação da mulher, Feito por e para homens, Pornografia a-ideológica, Prostituição e Estupro consentido.

Os outros temas serviram para gerar insights extremamente importantes sobre o posicionamento pessoal destas mulheres frente à pornografia, seja ela feminista ou mainstream, seu posicionamento dentro das correntes feministas e como os valores sociais podem estar relacionados com a produção deste material.

Gráfico 1. Grelha com temas, subtemas, códigos e subcódigos.

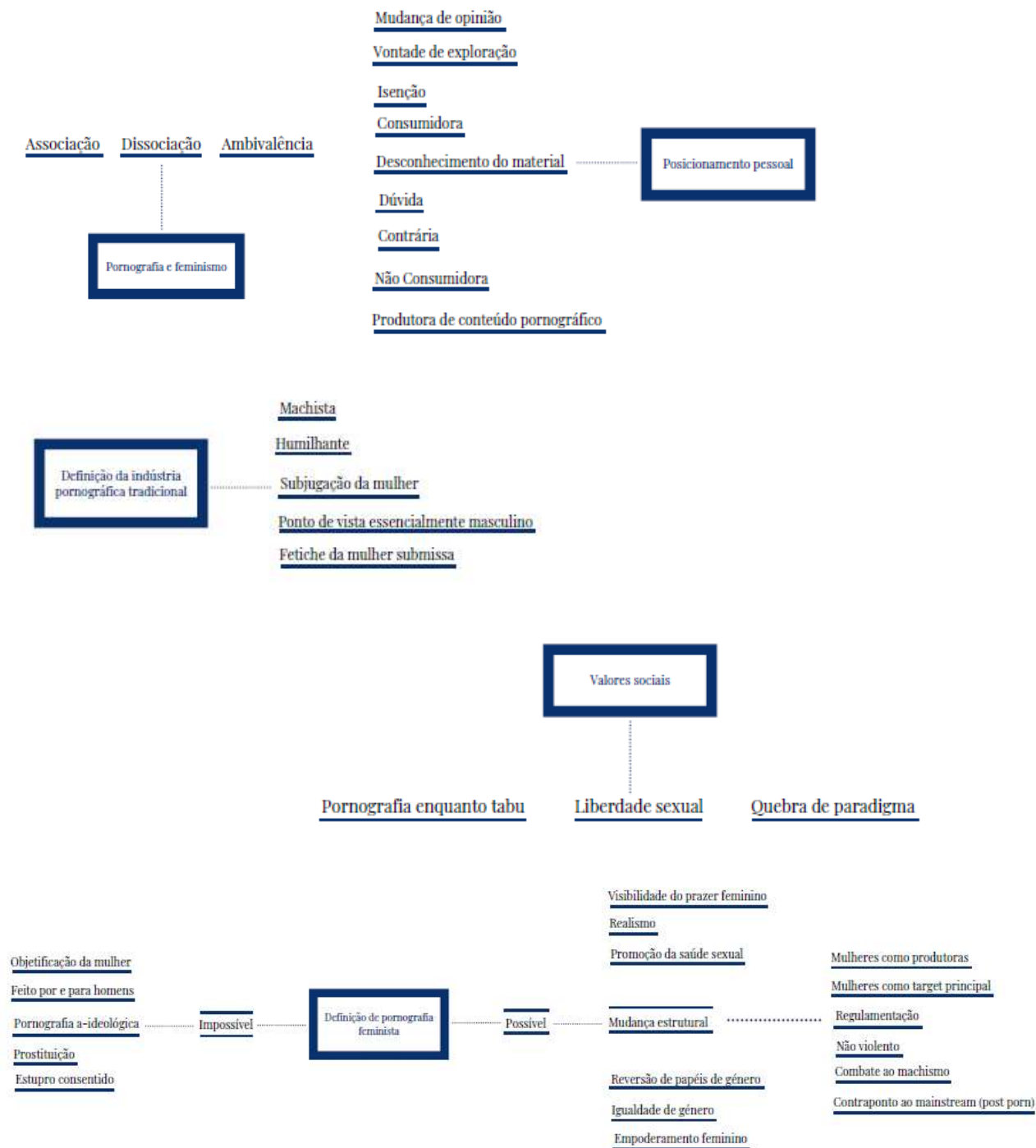


Tabela 1. Descrição de temas, subtemas e códigos incluindo exemplos de respostas.

| Temas                   | Subtemas | Códigos    | Subcódigos | Descrição                                       | Exemplos  |
|-------------------------|----------|------------|------------|---|---|
| Pornografia e feminismo |          | Associação |            | Ligação existente entre feminismo e pornografia | Sim. Acredito que o consumo de pornografia, como quase tudo na vida, tenha um potencial negativo e um potencial positivo, dependendo da |

|                        |  |                       |  |   |   |
|------------------------|--|-----------------------|--|---|---|
|                        |  |                       |  |   | forma como é levado. Pode ser muito benéfico pra saúde sexual da mulher e pro conhecimento que ela tem do próprio corpo e prazer. Uma pornografia feminista, considerando que o feminismo enxerga homens e mulheres como iguais em termos de direitos, seria aquela que valoriza de igual maneira o prazer dos dois gêneros e que retrata relações sexuais de consentimento e respeito. |
|                        |  | Dissociação           |  | Separação entre feminismo e pornografia                           | Não. Não é possível comprar consentimento. Pornografia é naturalmente antifeminista.  |
|                        |  | Ambivalência          |  | Dualidade entre a ligação dos dois                                | Difícil que seja, mas não impossível. A pornografia, historicamente, está associada ao domínio masculino no campo social. Em países desenvolvidos, acho que esse debate é mais pertinente e maduro. No Brasil, com crianças sendo prostituídas por suas famílias não.   |
|                        |  |                       |  |   |   |
| Posicionamento pessoal |  | Mudança de opinião    |  | Não acreditava ser possível uma pornografia feminista e agora sim | Até meio ano atrás não achava possível. Hoje já estou mudando de opinião e me interessando em explorar a temática.  |
|                        |  | Vontade de exploração |  | Desejo por conhecer materiais                                     | Sim. Inclusive sinto muita falta de um que não me deixe   |

|  |  |                             |  |  |   |
|--|--|-----------------------------|--|--|---|
|  |  |                             |  | pornográficos feministas                                     | desconfortável ao assistir.   |
|  |  | Isenção                     |  | Sem opinião formada sobre o tema                             | Não tenho uma opinião formada sobre isso mas vou procurar me informar mais  |
|  |  | Consumidora                 |  | Consome pornografia feminista                                | Espero que sim, pois utilizo a pornografia para me desligar dos meus pensamentos enquanto me masturbo. E gostaria de achar mais facilmente filmes que sejam mais realistas e que eu possa ter certeza que as atrizes não estão sofrendo   |
|  |  | Desconhecimento do material |  | Não conhecimento de materiais pornográficos feministas       | Já soube que existe, mas nunca vi.  |
|  |  | Dúvida                      |  | Não tem total certeza se acredita numa pornografia feminista | Acho meio utópico. Tanto que nem sei como seria tal coisa.  |
|  |  | Contrária                   |  | Não concorda com a produção de pornografia feminista         | Não é possível. Empresas ganhando dinheiro através da venda do corpo e imagem de mulheres não tem nada de feminista, o capitalismo e o patriarcado andam juntos e é muito conveniente produzir e vender pornografia se dizendo feminista mas lucrando com a exposição e sexualização do corpo de outras mulheres, reformismo e representatividade dentro do capitalismo não faz o capitalismo menos exploratório. |

|                                    |            |                                    |  |   |  |
|------------------------------------|------------|------------------------------------|--|---|--|
|                                    |            | Não Consumidora                    |  | Não consome material pornográfico                                 | Apesar de não consumir sei que tem gente que gosta.... Isso poderia até mudar a forma que a sociedade ve o sexo.   |
|                                    |            | Produtora de conteúdo pornográfico |  | Produz material pornográfico online                               | Sim, inclusive eu produzo pornografia amadora de maneira profissional [...] sou super a favor de meninas como Erika Lust e de qualquer mulher que empregue outras mulheres para produzir conteúdo adulto com segurança. O movimento feminista perde muito em dar as costas a pornografia, marginalizando ainda mais as trabalhadoras do sexo, ao invés de abraçar a pornografia, tomar para si e ditar as regras nós mesmas. |
|                                    |            |                                    |  |   |  |
| Definição de pornografia feminista | Impossível | Objetificação da mulher            |  | Mulher colocada em posição de objeto do prazer e não protagonista | Estruturadamente, o corpo da mulher é objetificado. A indústria pornográfica é mais um tentáculo do machismo. Onde mulheres são obrigadas a transarem sem preservativos, a fazer sexo anal, a transar por horas seguidas até encontrarem um ângulo certo para câmera... Ou seja, elas são submetidas a condições de humilhação e violência constante   |

|  |          |                                 |  |  |  |
|--|----------|---------------------------------|--|--|--|
|  |          | Feito por e para homens         |  | Pornografia através do viés masculino  | Sendo pornografia produzida pra satisfazer um público majoritário masculino, que é socializado de maneira misógina, acredito que não é possível. Se quer faria desse produto economicamente viável   |
|  |          | Pornografia a-ideológica        |  | Pornografia não deve ter bandeiras   | Acho que pornografia é pornografia, nem machista nem feminista   |
|  |          | Prostituição                    |  | Pornografia como mercado de corpos femininos   | Não, pois a pornografia nada mais é do que a prostituição assistida. E não tem como prostituição ser feminista visto que mercantiliza corpos femininos.  |
|  |          | Estupro consentido              |  | Atuação da mulher vista como um estupro consentido por ela (por razões de necessidade) | Não, impossível! Vender o corpo não é empoderamento, ainda mais quando a maioria que irá consumir são homens. Sexo sem consentimento é estupro, inclusive que por dinheiro. Feminismo não é mercado.   |
|  | Possível | Visibilidade do prazer feminino |  | A pornografia focada no prazer da mulher   | Sim, tenho esperança e já tenho visto algumas formas de pornografia voltado para o público feminino. Ainda assim, acho que muitas vezes esse tipo de material fica restrito ao sexo romântico e acredito que ainda carece de um empoderamento e narrativas feministas. |

|  |  |                          |                          |  |  |
|--|--|--------------------------|--------------------------|--|--|
|  |  | Realismo                 |                          | Filmes que retratem a realidade do sexo                                  | Acredito que o consumo de pornografia, como quase tudo na vida, tenha um potencial negativo e um potencial positivo, dependendo da forma como é levado. Pode ser muito benéfico pra saúde sexual da mulher e pro conhecimento que ela tem do próprio corpo e prazer. Uma pornografia feminista, considerando que o feminismo enxerga homens e mulheres como iguais em termos de direitos, seria aquela que valoriza de igual maneira o prazer dos dois gêneros e que retrata relações sexuais de consentimento e respeito. |
|  |  | Promoção da saúde sexual |                          | A pornografia como forma de promoção da saúde sexual de ambos os gêneros | Acho possível e necessário. E não apenas para atender o público feminino, mas o público masculino também, pois pode apresentar materiais mais saudáveis e mais condizentes com o ideal de prazer igual entre gêneros na prática sexual.  |
|  |  | Mudança estrutural       | Mulheres como produtoras | Mulheres por trás das câmeras como parte ativa da produção pornográfica  | Pode até ser possível, se não houver atitudes machistas de dominação, se houver sexo real, sem aquelas posições ridículas, irreais e fetichentas, se por trás das câmeras a equipe não for composta como é quase sempre, por   |

|  |  |  |                                       |  |   |
|--|--|--|---------------------------------------|--|---|
|  |  |  |                                       |  | homens, se existirem leis que façam a proteção do trabalhador da indústria, e várias outras mudanças, mas creio eu sexo onde a mulher é respeitada, não venderia.   |
|  |  |  | Mulheres como target principal        | Material pornográfico feito para mulheres                      | Acho, pornografia é produzida por homens reproduzindo o que homens gostam, desejam ou esperam que as mulheres sejam. Se produzida de um olhar feminino acredito que pode mudar e muito esse padrão.                                     |
|  |  |  | Regulamentação                        | Regras na produção visando o bem-estar das mulheres em cena    | [...]O que acredito é que a indústria pornográfica deveria ser um ambiente mais seguro e regulamentado para as mulheres, visto os abusos que ocorrem.   |
|  |  |  | Não violento                          | Indústria não violenta e que não retrate violência             | Acho que é possível produzir pornografia que mostre que ato não é forçado e que é bom para ambas as partes. Sem ter que denegrir a imagem da mulher.  |
|  |  |  | Combate ao machismo                   | Possível forma de combater o machismo da indústria tradicional | Acho possível e necessário. E não apenas para atender o público feminino, mas o público masculino também, pois pode apresentar materiais mais saudáveis e mais condizentes com o ideal de prazer igual entre gêneros na prática sexual. |
|  |  |  | Contraponto ao mainstream (post porn) | Uma nova forma de se fazer pornografia,                        | Creio que seja possível, ainda mais com a   |

|   |  |                              |  |  |   |
|---|--|------------------------------|--|--|---|
|   |  |                              |  | diferente do que se é feito no meio tradicional  | guinada dos estudos queer. Aprendi muito sobre sexo assistindo pornografia, por isso busco a não moralização do tema. Acho interessante a produção de filmes pornográficos feministas, contanto que estejam realmente alinhados com as causas feministas. |
|   |  | Reversão de papéis de género |  | Colocar a mulher em cena como protagonista, tirando este papel comumente feito por homens            | Acredito que sim! Eu, por exemplo, não me excito ao ver mulheres subjugadas, prefiro quando elas estão no comando.  |
|   |  | Igualdade de género          |  | Igualdade entre os géneros em cena   | Acho que dá pra colocar relacionamentos mais lineares entre os personagens, um sexo mais real, sem caricaturas que acabam reforçando as diferenças de género.   |
|   |  | Empoderamento feminino       |  | Uma forma de empoderar as mulheres através da sexualidade  | Procuo ouvir trabalhadoras sexuais que se consideram feminista sobre esse ponto e acredito que sendo nosso corpo livre, podemos usá-lo do modo que quisermos, desde que seja uma escolha nossa.   |
|   |  |                              |  |  |   |
| Definição da indústria pornográfica tradicional |  | Machista                     |  | Indústria tradicional é ocupada majoritariamente por homens, seja na direção, quanto no foco em cena | A indústria pornográfica é machista em suas origens, em seu âmago. Os homens continuam sendo os grandes privilegiados e protegidos nessa indústria. Logo,   |

|  |  |   |  |  |   |
|--|--|---|--|--|---|
|  |  |   |  |  | por um lado, a pornografia, enquanto indústria, jamais será feminista.  |
|  |  | Humilhante                              |  | Mulheres em cena são humilhadas  | A indústria pornográfica é mais um tentáculo do machismo. Onde mulheres são obrigadas a transarem sem preservativos, a fazer sexo anal, a transar por horas seguidas até encontrarem um ângulo certo para câmera... Ou seja, elas são submetidas a condições de humilhação e violência constante. |
|  |  | Subjugação da mulher                    |  | Mulheres em cena são subjugadas  | Não tenho certeza se é possível, pois mesmo que o conteúdo seja diferente do usual, é difícil traçar uma linha entre trabalho e abuso no caso das atrizes pornôs  |
|  |  | Ponto de vista essencialmente masculino |  | A indústria tradicional é feita basicamente visando o homem como consumidor    | Sendo pornografia produzida pra satisfazer um público majoritário masculino, que é socializado de maneira misógina, acredito que não é possível. Se quer faria desse produto economicamente viável.   |
|  |  | Fetiche da mulher submissa              |  | Fetichiza a submissão e transforma o ideal de mulher no sexo em mero acessório | Sim. O ângulo da câmera pode ser menos explícito, a mulher não precisa sempre servir, sentir dor, somente com aquele sexo "batedeira", sem submissão ao sexo oral masculino   |
|  |  |   |  |  |   |

|                 |  |                           |  |  |   |
|-----------------|--|---------------------------|--|--|---|
| Valores sociais |  | Pornografia enquanto tabu |  | Pornografia ainda é um assunto delicado e um tabu na sociedade         | [...] A pornografia só existe dessa forma num mundo onde o sexo é tabu, por isso acaba tomando enredos "bizarros", digamos. Então, no mundo atual, não rola em pensar em pornografia como algo que possa ser saudável porque nem conseguimos ver sexo como algo natural. Sexo ainda é tabu, infelizmente. |
|                 |  | Liberdade sexual          |  | Pornografia como forma de liberdade sexual se quem participa e consome | Tenho refletido muito sobre o assunto. Eu acho que o sexo é uma ferramenta de libertação da mulher. Entretanto, sendo repetitiva, ainda não encontrei material que não reproduzisse o padrão...   |
|                 |  | Quebra de paradigma       |  | Necessidade da quebra de paradigma da pornografia como algo ruim       | Creio que sim. O sexo é algo natural portanto se quebrar os paradigmas machistas mostrando as mulheres como ser humano com necessidades, desejos, fetiches e etc.   |

## Pornografia e feminismo

Este tema inclui três códigos: Associação, Dissociação e Ambivalência. Basicamente, este primeiro tema buscou dividir as respostas entre as que associam a pornografia com o feminismo, as que não veem como isto pode ser feito e as que acreditam que é possível existir, mas que não existe a pornografia feminista.

Os códigos trazem a bagagem individual das participantes, suas ideias sobre o feminismo e, em alguns casos, a própria experiência enquanto consumidoras do tipo de material.

O código Associação ao feminismo representa o feminismo sex-positive e a noção de que a mulher é dona do seu próprio corpo e tem o poder de decidir como utilizá-lo, mesmo que seja a oferecer prazer aos consumidores deste tipo de material. Por exemplo, uma das participantes diz “[...] As mulheres iriam aprovar muito mais esse tipo de mercadoria e iriam achar que estariam tratando-as como iguais, que entenderiam o lado positivo da importância de mostrar o nosso "verdadeiro eu", aquelas cenas mais naturais, sem artificialismo de gemidos, de gestos, de postura [...]” (21 anos, não consumidora). Apesar deste posicionamento, nem todas as participantes que acreditam que a pornografia e o feminismo podem estar lado a lado são consumidoras deste tipo de material por ainda não acreditarem existir algo assim, como é o caso da participante acima.

Em Dissociação, temos as participantes que não necessariamente se opõem a ideia de uma pornografia feminista, mais ligada a corrente do feminismo contra a liberdade sexual, por identificarem padrões violentos nisso. Porém, não acreditam que as duas coisas consigam estar lado a lado, pelo menos na sociedade atual. Como fica claro em “Não nas atuais condições. A indústria, como é hoje, teria que ser totalmente reestruturada. As mulheres teriam que querer trabalhar com isso e não fazerem por necessidade financeira.” (31 anos, não consumidora).

Algumas das participantes do questionário mostraram-se em dúvida sobre a possibilidade de existir, atualmente, uma pornografia que seja feminista, e acreditam ser necessário assegurar a segurança de quem participa desses filmes, como afirmado em “Não tenho certeza se é possível, pois mesmo que o conteúdo seja diferente do usual, é difícil traçar uma linha entre trabalho e abuso no caso das atrizes pornô” (21 anos, não consumidora).

### **Posicionamento pessoal**

Neste tema principal, as respostas das participantes incluem sua experiência individual sobre o assunto. A partir deste tema surgiram nove códigos: Mudança de opinião, Vontade de exploração, Isenção, Consumidora, Desconhecimento do material, Dúvida, Contrária, Não Consumidora e Produtora de conteúdo pornográfico.

A mudança de opinião de algumas participantes reflete a descoberta da possibilidade de existir uma pornografia feminista, o que as fazem acreditar que é possível que pornografia e feminismo caminhem juntos, “Acreditava que sim, acompanhei um

pouco do trabalho da Erika Lust, mas me decepcionei muito após ver o documentário "Hot Girls Wanted", que mostra o trabalho dela em um dos episódios e ela acaba não parando uma cena quando a atriz pede para parar. Desde então, não sei se acredito que possa haver pornografia feminista.” (21 anos, consumidora).

O fato de a pornografia ser muitas vezes dissociada do feminismo faz com que muitas mulheres deixem de procurar por conteúdos pornográficos, por isso, algumas participantes se mostraram interessadas em explorar esse tipo de conteúdo, “Até meio ano atrás não achava possível. Hoje já estou mudando de opinião e me interessando em explorar a temática.” (22 anos, consumidora).

Algumas participantes preferiram não opinar sobre a questão, o que fez com que houvesse a necessidade do código Isenção. Outras, mostraram-se em Dúvida sobre se seria possível existir uma pornografia feminista como nesta resposta: “Acho meio utópico. Tanto que nem sei como seria tal coisa.”, (30 anos, não consumidora).

Em uma das questões do questionário, as participantes responderam se consumiam ou não pornografia. Porém, esta pergunta não era focada em pornografia feminista. Aqui, algumas mulheres aproveitaram o espaço para se colocarem como Consumidoras ou Não consumidoras de pornografia feminista, como em “Sim, acho, inclusive já encontrei vídeos do gênero.”, (26 anos, consumidora) ou “[...] Não vejo como possível uma pornografia realmente feminista, e não assistiria da mesma forma.”, (24 anos, não consumidora).

Surgiram também duas mulheres que produzem conteúdo pornográfico e trouxeram seus relatos para acrescentar na discussão sobre o feminismo e a pornografia, como esta “Sim, inclusive acredito que no meio dos showscams pode ser feita uma boa diferença. Trabalho com o mesmo e a realidade é que os melhores clientes têm prazer com o prazer da camgirl.”, (19 anos, consumidora).

### **Definição de pornografia feminista**

Neste tema, as respostas traziam definições das participantes ao que elas entendem por pornografia feminista, se é Possível ou Impossível definir pornografia feminista e os códigos destes dois subtemas refletem nos motivos.

No subtema Possível, foram definidos os seguintes códigos: Visibilidade do prazer feminino, Realismo, Promoção da saúde sexual, Mudança estrutural (código no qual surgiram também subcódigos), Reversão de papéis de género, Igualdade de género e Empoderamento feminino.

Para algumas participantes, a pornografia feminista é não só possível como necessária para dar visibilidade ao prazer feminino, como afirmado em “Creio que sim. O sexo é algo natural portanto se quebrar os paradigmas machistas mostrando as mulheres como ser humano com necessidades, desejos, fetiches e etc.”, (18 anos, não consumidora).

É perceptível a demanda das mulheres que acreditam na possibilidade de existir uma pornografia feminista por conteúdos mais reais, em que os casais em cena simulem um sexo mais parecido com o da vida real. “Acho que eu ia me sentir mais confortável, por ser mais realista me daria mais prazer e relaxamento”, (18 anos, consumidora).

A promoção da saúde sexual é citada em respostas que mostram que há uma preocupação de mulheres feministas por conteúdos que ao apresentar o sexo tenham a capacidade de colaborar positivamente com a saúde dos telespectadores, por exemplo, “Acho que esse tipo de produção é importante porque a pornografia não vai acabar, então precisamos sim produzir algo que não seja tão nocivo e tente reconstruir a ideia de sexo”, (24 anos, não consumidora).

O código de mudança estrutural é tão amplo que gerou outros subcódigos: Mulheres como produtoras, Mulheres como target principal, Regulamentação, Não violento, Combate ao machismo, Contraponto ao *mainstream* (post porn). Isto porque as repostas apontavam para mudanças necessárias para que fosse possível diferenciar a indústria pornográfica tradicional da feminista.

Estas características apontadas – e que geraram estes subcódigos – em respostas como “Desde de que as produtoras não foquem apenas em produção de filmes para o público masculino e que as atrizes tenham seus direitos respeitados e tenha vínculo trabalhista como qualquer trabalhador comum”, (21 anos, consumidora) mostram que as participantes entendem que é necessário haver mudanças ou que para que a pornografia feminista seja definida como feminista é preciso que alguns destes pontos ou mesmo todos estejam presentes na produção.

A Reversão de papéis de género aparece em respostas que mostram que muitas vezes o que estas mulheres buscam não é uma igualdade entre os géneros, mas sim, uma mudança em que a mulher seja vista como dominante. O que faz oposição com o código de Igualdade de género em que o que é apontado é a necessidade para que homens e mulheres em cena sejam tratados da mesma maneira, sem a figura dominante.

A pornografia feminista também foi apontada como muitas como uma forma de Empoderamento feminino, o que deu origem a este subcódigo. Respostas como “Sim, acho que existem mulheres que realmente gostam de ser atriz pornô e que se elas tivessem mais liberdade de impor limites e criar conforme seus gostos, o mercado seria mais feminista”, (28 anos, consumidora), exemplificam.

No subtema Impossível, foram definidos os seguintes códigos: Objetificação da mulher, Feito por e para homens, Pornografia a-ideológica, Prostituição e Estupro consentido.

Muitas mulheres colocaram em questão a Objetificação da mulher como ponto central para ser impossível existir uma pornografia feminista. Afinal, neste caso a mulher é colocada em posição de objeto do prazer e não protagonista dele. “Empresas ganhando dinheiro através da venda do corpo e imagem de mulheres não tem nada de feminista, o capitalismo e o patriarcado andam juntos e é muito conveniente produzir e vender pornografia se dizendo feminista mas lucrando com a exposição e sexualização do corpo de outras mulheres, reformismo e representatividade dentro do capitalismo não faz o capitalismo menos exploratório.”, (25 anos, não consumidora).

Outro código que apareceu ao definir a pornografia feminista como impossível de existir foi o fato de que é Feito por e para homens, ou seja, se o viés é essencialmente masculino, não há como existir uma pornografia feminista.

Algumas das respostas apontaram uma Pornografia a-ideológica, ou seja, não deve ter bandeiras, nem defender algo. Para as mulheres que responderam isso, pornografia é pornografia e só.

A pornografia enquanto mercado de corpos femininos, aparece no código Prostituição, que apareceu em muitas das respostas das participantes que se dizem contrárias a pornografia, mesmo que seja feminista.

No último código deste tema, surge a atuação destas atrizes a ser vista como estupro. O interessante de ser ressaltado é que em algumas respostas, como “Continua-se comprando o corpo dessas mulheres, que são as mais afetadas por essa indústria. A mulher continua sendo um produto. Você não tá ali transando por prazer, é tudo performance. E, a partir do momento em que você não transa por prazer, isso vira estupro. Quantas são as mulheres que estão ali por que querem? 1%? Então não, não acho que exista pornografia feminista.”, (26 anos, não consumidora), a palavra aparece. O que elas buscam passar com esta interpretação é que a necessidade destas mulheres, as levam a aceitar essa situação. Ou seja, as atrizes não estão ali em cena não estão lá apenas por um desejo delas.

### **Definição da indústria pornográfica tradicional**

Este foi o tema que definiu, do ponto de vista destas mulheres, o que é a indústria pornográfica tradicional. Segundo elas, controlada por homens e feita para outros homens, o que já é exposto no primeiro código: Machista. Por exemplo, “Em um mundo onde o machismo não existe seria possível, mas enquanto houve uma diferença estrutural que leve as mulheres para a pornografia mais circunstancialmente do que por livre e espontânea vontade será impossível”, (21 anos, não consumidora). Além de machista, foi-se mencionado o Ponto de vista essencialmente masculino, ou seja, as cenas são vistas a partir do olhar do homem em cena e não das mulheres.

Além disso, foi-se afirmado que a produção de filmes pornográficos pela indústria tradicional é Humilhante para as atrizes, Subjugam as mulheres e apresentam sempre o mesmo Fetiche da mulher submissa. Estes códigos aparecem em respostas como “Acredito que é possível pensar mais no público feminino quando produz, escolhas menos "humilhantes" para a mulher, embora ache bem complexo o tema e a discussão sobre se é possível que uma mulher seja atriz pornô sem que seja explorada pelo machismo. Acho que cabe a mesma discussão que sobre prostituição.”, (30 anos, consumidora); “Acredito que existem pornografias para todos os gostos, tanto que subjugam mulheres quanto homens, porém as que subjugam mulheres são mais comuns já que a maioria das pessoas que consomem pornografia são homens”, (25 anos, consumidora); e “o ângulo da câmera pode ser menos explícito, a mulher não precisa sempre servir, sentir dor, somente com aquele sexo "batedeira", sem submissão ao sexo oral masculino”, (40 anos, consumidora).

## Valores sociais

Neste último tema principal foram apresentadas respostas que relacionam a pornografia com valores sociais, sendo eles: Pornografia enquanto tabu, Liberdade sexual e Quebra de paradigma.

Algumas respostas apontam para o fato de a pornografia ainda é vista como um tabu, o que claramente dificulta a aceitação de novos formatos, mesmo que sejam para trazer um novo ponto de vista. “[...] Entendo que para isso precisa haver uma desconstrução e desmitificação do sexo, por isso, há um longo caminho para frente para fazermos filmes que não são só pessoas metendo.”, (30 anos, consumidora).

A liberdade sexual aparece em algumas respostas que mostram que para algumas feministas a mulher tem poder de decisão sobre o próprio corpo e, por isso, é necessário que haja um produto feminista para ser consumido por elas. “Acredito que sim, imagino pornografia feminista como algo delicado e forte ao mesmo tempo. Embora não se possa excluir os gostos particulares de cada um por dominação e submissão por exemplo.”, (27 anos, consumidora).

As respostas que se enquadraram no código de Quebra de paradigma apontavam para a necessidade de primeiro alterar-se a forma como o sexo e a pornografia são vistos para que seja possível e aceitável por mais pessoas novas formas de pornografia, como a feminista. “Acredito, mas teria que revolucionar o fazer, produção, perspectiva e acesso a pornografia.”, (25 anos, consumidora).

## CONCLUSÃO

Esta dissertação parte das respostas recebidas por mulheres participantes de um questionário sobre pornografia feminista e pretendeu explorar a possibilidade de existir a chamada pornografia feminista a partir do ponto de vista destas mulheres. Em consoância com pesquisas sobre pornografia, feminismo e pornografia feminista, as respostas apresentaram diversas definições para a pornografia feminista vista do ponto de vista de mulheres integrantes de grupos feministas no Facebook.

Ao procurar entender a negociação – sob a perspectiva dos estudos de Hall (1980) – de mulheres que se intitulam feministas ou que têm um interesse no feminismo (por fazerem parte de grupos feministas no Facebook) com a pornografia feminista, foi possível ter uma visão de quem já tem um interesse pelo tema e seus próprios entendimentos tanto do que é pornografia – e se é relacionada com o feminismo ou não – quanto do que é feminismo. Mesmo entre as mulheres que desconheciam este tipo de material, era possível perceber pelas respostas, que os temas definiam os seus posicionamentos.

A partir da análise temática, baseada em conceitos teóricos e empíricos, foi possível constatar referências a narrativas pessoais das participantes, isto é, suas respostas foram de acordo com sua bagagem individual, sua vivência, a partir de seus ideais feministas e enquanto consumidora ou não do produto pornográfico.

A experiência individual de cada mulher sobre o assunto, foi constatada desde o desconhecimento do material, pessoas contrárias a ideia, dúvidas e até mesmo mudanças de opiniões sobre pornografia e feminismo poder caminhar juntas, isso leva mulheres que não consumiam o produto a ter vontade de explorá-lo. Isto possibilitou distinguir consumidoras ou não consumidoras de pornografia, não necessariamente feminista e até mesmo detectar produtoras de conteúdos pornográficos.

As narrativas pessoais foram várias vezes usadas para contextualizar as respostas, em linha de conta com o que Plummer (1996) afirma sobre o surgimento das narrativas íntimas como uma nova forma de expressão política.

Em um apanhado de respostas, foi buscada a definição de pornografia feminista, o que as entrevistadas entendiam por pornografia feminista, se era possível ou impossível viabilizar este produto. Para algumas, é possível (e até necessário), seria a chave para a

visibilidade do prazer feminino, poderia ser um trabalho com conteúdo mais realista, promover a saúde sexual e empoderar as mulheres.

Porém, para que isso ocorresse deveria existir uma mudança estrutural na indústria pornográfica, para que realmente haja diferenças entre a feminista e a tradicional, muitas respostas citaram diversas mudanças necessárias, inclusive a mulher como dominante, o que, se analisado, contradiz com opiniões sobre a igualdade de gêneros – em que homens e mulheres sejam tratados da mesma forma. Já para outras entrevistadas, seria impossível, uma vez que a mulher é tratada como objeto de prazer, a há uma indústria faturando sobre a mulher e mesmo assim, a mulher não possui o target principal.

A definição da indústria pornográfica tradicional ficou clara em grande parte dos estudos: feita por homens e para homens. A indústria é considerada machista, pois busca somente o prazer masculino, as cenas são feitas sobre o ponto de vista masculino, muitas vezes sem se importar com o bem estar feminino, tanto em cena quanto nos bastidores, levando em consideração relatos de atos e condições de humilhação a qual atrizes são submetidas durante as filmagens.

As mulheres entrevistadas valorizam algumas mais o aspecto de produção e outras mais o conteúdo em si. Nem todas as mulheres abordaram a questão das condições de produção, o que mostra que o feminismo não é sempre entendido a partir de uma perspectiva interseccional e materialista.

Os resultados sugerem que a pornografia feminista não é um consenso – nem o conceito, nem a possibilidade de existência na sociedade atual. A palavra tabu surge nas respostas de algumas das participantes, e gera inclusive um código no tema de valores sociais. Ou seja, ainda há uma relação dessas mulheres da pornografia com a palavra tabu. O que foge um pouco do conceito de tabu, como explica Foucault. Afinal, para o autor, sexualidade nunca foi um tabu, visto que sempre se falou sobre. Mas isso mostra que ainda há uma não normalização do tema.

Ficou claro que o movimento feminista antipornográfico, tem um papel muito influente nos grupos feministas, pois mesmo mulheres que são favoráveis a liberdade sexual, em sua maioria disassociam o feminismo da pornografia. Ou seja a pornografia, mesmo para as que são favoráveis, só é vista como válida, ou de fato "feminista", se for diferente do "mainstream", o que implica que o mainstream ocupe uma posição retórica

de dominância. A partir disso, é possível concluir que há uma necessidade de reestruturação da indústria atual para uma maior possibilidade do reconhecimento da existência da pornografia feminista.

O que se consegue perceber é que estas mulheres não precisam saber qual é o conceito de pornografia feminista para criarem a ideia de que uma pornografia feminista deve ter um conteúdo igualdade, que retrate o prazer verdadeiro da mulher em cena, etc. Mesmo assim, por ainda relacionarem o trabalho sexual com uma forma de objetificação e mercantilização do corpo feminino, nem todas veem como possível a existência deste tipo de material. Por isso, a melhor definição para a pornografia feminista seria de uma pornografia que precisa, não só ser feminista, mas mostrar-se como feminista ao público.

Outra conclusão importante é que o público tem possibilidade de negociar o significado não só de pornografia, mas também de feminismo, reconhecendo ou não a validade desse termo aplicado ao material mediático. Erika Lust, por exemplo, apesar de ter sido a única diretora citada não é considerada feminista por todas as respondentes. Isso pode ajudar a produzir melhor pornografia feminista, que passaria a ser considerada um material credível pelo público, afinal, a definição é baseada em como a sociedade a vê, em não conceitos clichês do que é feminismo e do que é pornografia.

Avaliando os valores sociais das entrevistadas, podemos constatar que a pornografia ainda é vista como um tabu, o que dificulta a aceitação de novos formatos, mesmo que seja partindo de princípios feministas. Contudo, podemos concluir que para um novo formato, a indústria atual e tradicional, deveria sofrer uma grande reestruturação, desconstrução e desmistificação do tema “sexo” – deveria haver uma quebra de paradigma.

Pelas respostas, é difícil chegar a uma única conclusão para a pergunta de partida – “É possível produzir pornografia feminista?”. A melhor até aqui seria de que é possível, desde o público entenda este material como feminista. Afinal, de acordo com as teorias, o que se faz atualmente neste nicho de mercado já é feminista, as produções já seguem as normas para uma produção ser considerada feminista. Mas é aqui que novamente entra o papel do público na percepção do material. Não basta ser feminista, o público tem a capacidade de assimilar e negociar com os mesmos de determinada forma e é preciso que o público identifique estes filmes outras produções como feministas.

Algumas limitações que é preciso reconhecer neste trabalho é que a amostra faz parte de um recorte sociodemográfico e ideológico muito específico – eram todas mulheres, em sua maioria cisgênero, jovens, brasileiras e com interesse no feminismo (por fazerem parte de grupos no Facebook dessa temática). Além disso, as respostas foram recolhidas online, o que não permite perguntas em cima das respostas e também acabou por gerar respostas muito simplistas – por exemplo, algumas participantes apenas responderam sim ou não.

Acredito que esta dissertação tem relevância para estudos futuros, tanto no material já utilizado, como no questionário que ainda tem muito o que pode ser investigado. Por exemplo, pode-se analisar apenas as mulheres consumidoras; ou até outras referências de pornografia feminista que possam ter e como entendem esses produtos como sendo diferentes do da Erika Lust.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencastro Veiga, Maria Júlia. 2015. Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia. Universidade de Brasília. [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015\\_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf)
- Bardin, Laurence. 2011. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- Bernstein, Elizabeth. 2008. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. Caderno Pagu nº 31. Campinas. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200015>
- Bourcier, Marie-Hélène. 2014. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. Revista Bagoas nº 11. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6541/5071>
- Braun, Clarke. 2012. Thematic Analysis. [https://www.academia.edu/3789893/Braun\\_Clarke\\_2012\\_APA\\_TA\\_Chapter](https://www.academia.edu/3789893/Braun_Clarke_2012_APA_TA_Chapter)
- Cardoso, Daniel. 2016. Entre corpos e ecrãs – Identidades e sexualidades dos jovens nos novos media. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Coelho, Salomé. 2009. Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pre-textos. Vila Franca de Xira. Ex aequo n.20.
- Díaz-Benítez, María Elvira. 2009. Nas Redes do Sexo: Bastidores e Cenários do Pornô Brasileiro. Prazeres Dissidentes. Rio de Janeiro, Editora Garamond. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300018>
- Gregori, Maria Filomena. 2003. Relações de violência e erotismo. Caderno Pagu nº 20. Campinas. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>
- Hall, Stuart. 1980. Encoding/decoding. In Hall, S., Hobson, D., Lowe, A. e Willis, P. (Eds.). Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies 1972-1979. London: Constable.
- Hunt, Lynn. 1993. The Invention of Pornography, 1500-1800: Obscenity and the Origins of Modernity. New York: Zone Books.
- Leite Jr, Jorge. Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.
- Lust, Erika. 2010. Good Porn: A Woman’s Guide. California: Seal Press

- MacKinnon, Catharine. 1982. Feminism, Marxism, Method, and the State: an Agenda for Theory. *Signs*, vol.7, nº3. <https://www.jstor.org/stable/3173853>
- Oliveira, Alexandra. 2013. Prostituição feminina, feminismos e diversidade de trajetórias. *Vila Franca de Xira: Ex aequo* no.28. [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602013000200003](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602013000200003)
- Paasonen, S. 2010. Labors of Love: Netporn, Web 2.0, and the Meanings of Amateurism. *New Media & Society*. <http://doi.org/10.1177/1461444810362853>
- Parreiras, Carolina. 2012. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Campinas: Cadernos Pagu*. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a07.pdf>
- Patáro, Carolina Ribeiro. 2014. Tchau tchau velho pornozão? A pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. Curitiba: UFPR. Dissertação de Mestrado em Sociologia. <http://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35829>
- Piscitelli, Adriana. 2005. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cad. Pagu* no.25 *Campinas*. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200001>
- Plummer Ken. 1996. Intimate Citizenship and the Culture of Sexual Story Telling. In: Weeks J., Holland J. (eds) *Sexual Cultures. Explorations in Sociology*. Palgrave Macmillan, London. [https://doi.org/10.1007/978-1-349-24518-5\\_3](https://doi.org/10.1007/978-1-349-24518-5_3)
- Preciado, Beatriz. *Texto Younqui*. Madrid: Espasa, 2008.
- Preciado, Beatriz. 2008. “La pornografía es una noción política”. Madrid: *Diagonal Periódico*. <https://www.diagonalperiodico.net/culturas/la-pornografia-es-nocion-politica.html>
- Rubin, Gayle. 1992. Thinking Sex. In: ABELOVE, Henry et alli. *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York/London: Routledge. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.462.7005&rep=rep1&type=pdf>
- Santana, Léa Menezes de. 2016. “– Tem pornô para mulher?”: uma abordagem crítica da pornografia feminista. Bahia: Repositório UFBA. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%C3%A9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf>
- Taormino, Tristan. 2013. ‘Calling the Shots: Feminist Porn in Theory and Practice.’ In *The Feminist Porn Book*, edited by Tristan Taormino, Celine Parreñas Shimizu, Constance Penley, and Mireille Miller-Young, 255–264. New York: The Feminist Press. <https://frgnyu.files.wordpress.com/2016/01/taormino-et-al-eds-the-feminist-porn-book.pdf>

Williams, Linda. 1989. *Hard Core: Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible"*.  
University of California Press.

## Anexos

Gráfico 1 – Idade das participantes

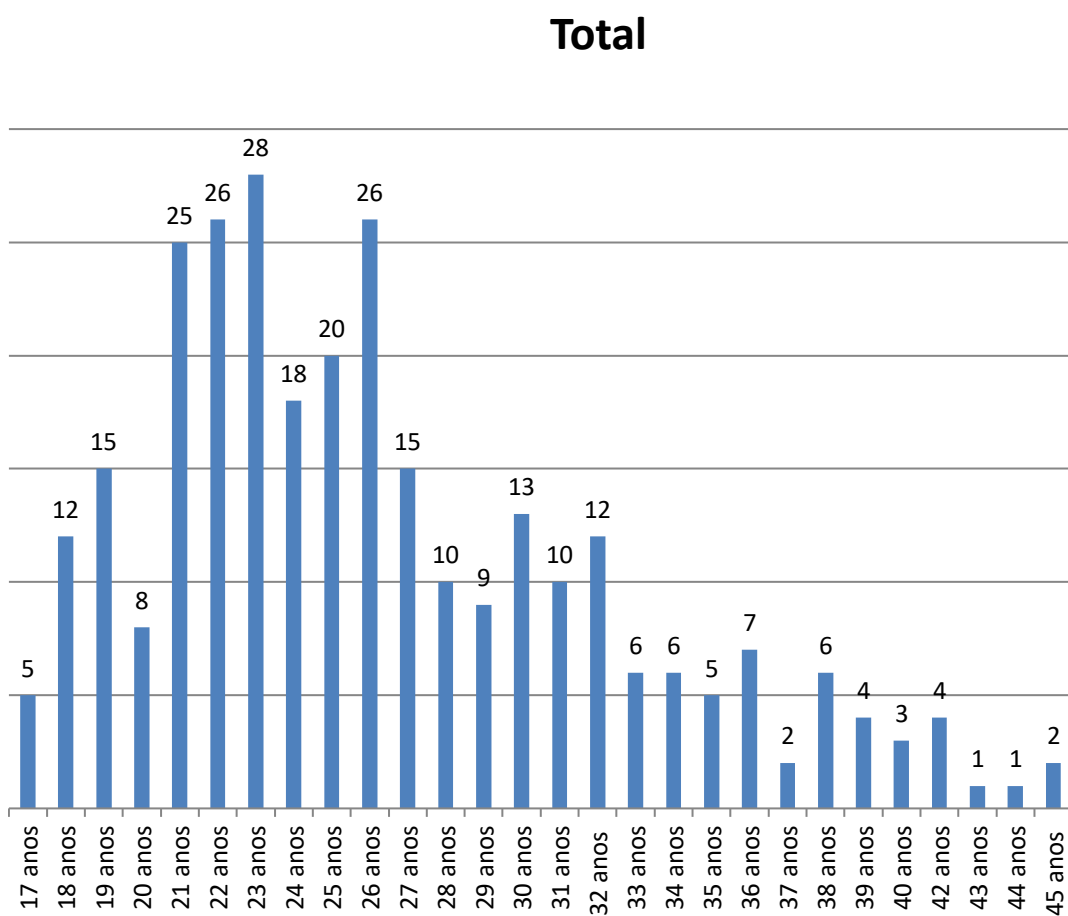
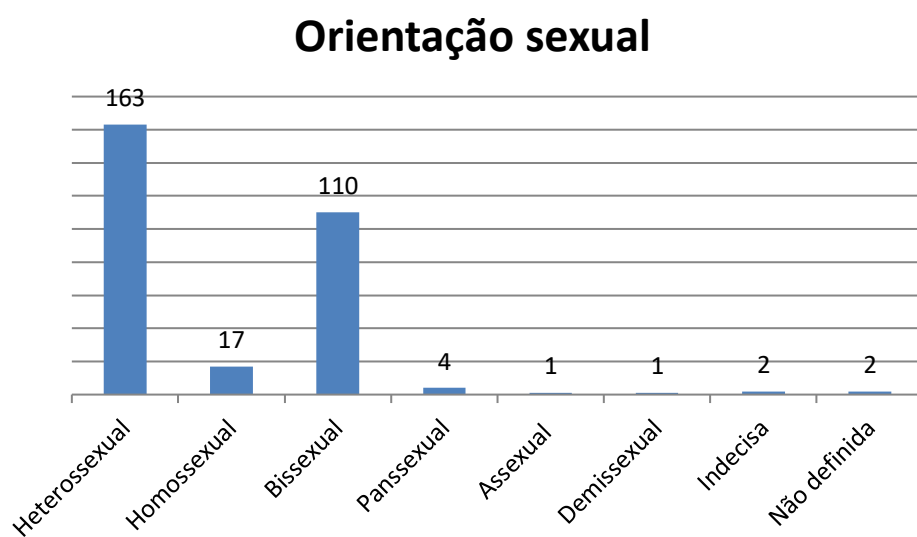
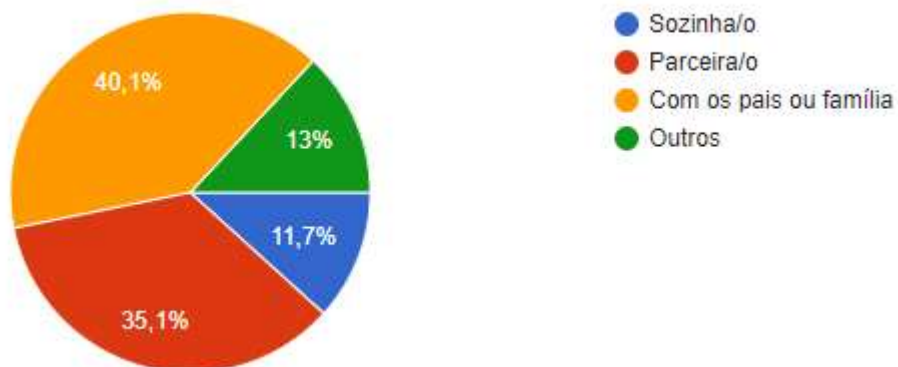


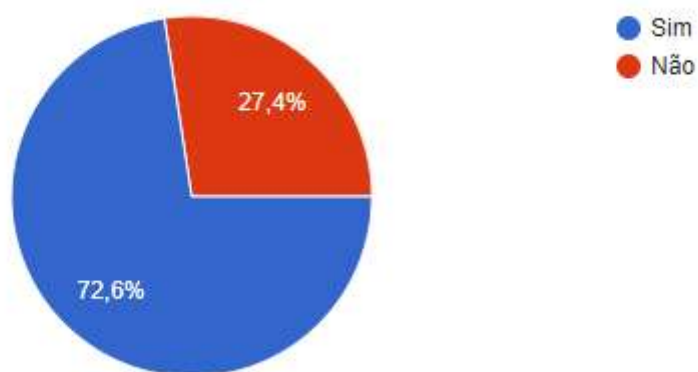
Gráfico 2 – Orientação sexual



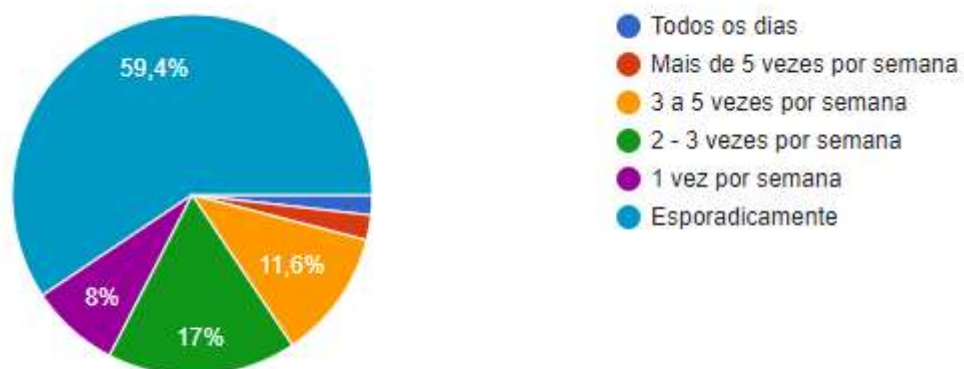
**Gráfico 3 – Com quem moram**



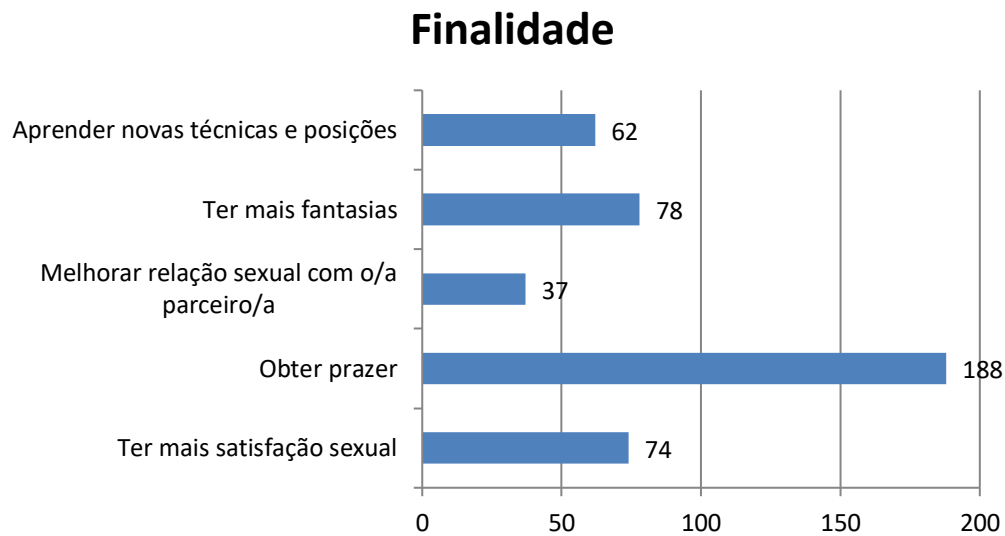
**Gráfico 4 – Consumo de pornografia**



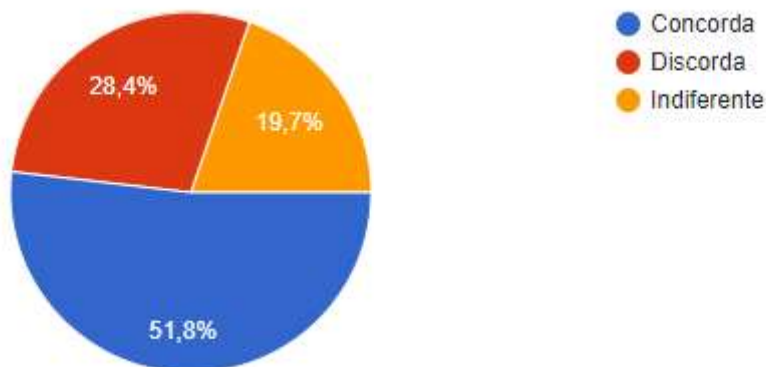
**Gráfico 5 – Caso a resposta seja sim, qual a razão (responderam 224 participantes)**



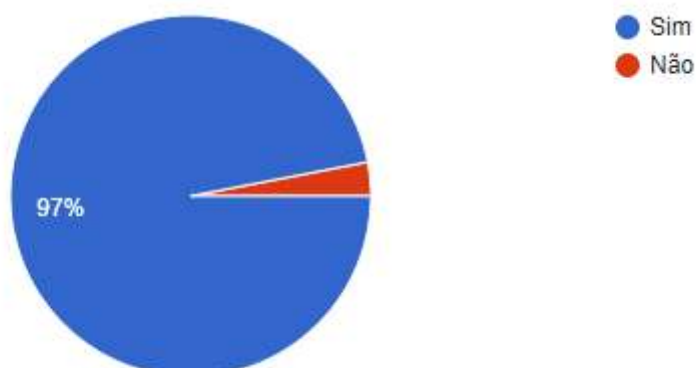
**Gráfico 6 – Com que finalidade utiliza materiais pornográficos? (era possível marcar mais de uma opção)**



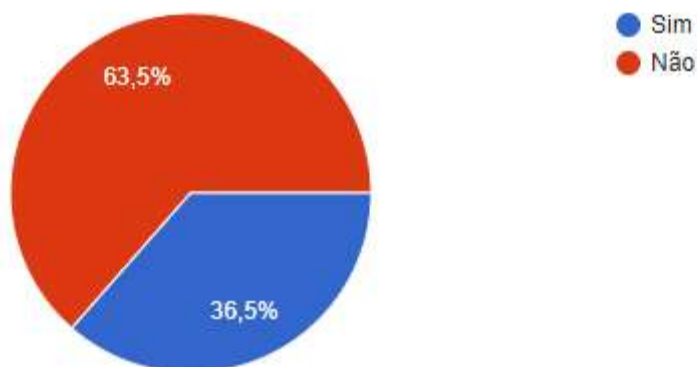
**Gráfico 7 – Concorda com a afirmação ‘consumir pornografia é nocivo’ ou não**



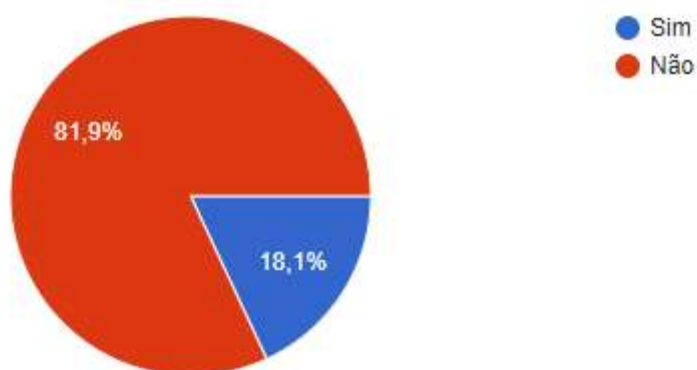
**Gráfico 8 – Acredita que a indústria pornográfica é machista**



**Gráfico 9 – Conhece ou não o trabalho da diretora Erika Lust**



**Gráfico 10 – Já assistiu a algum filme dela**



**Respostas a pergunta: “Você acha que é possível produzir pornografia feminista? Qual a sua opinião/posição sobre o assunto?”**

Participante 1: Você acha que é possível produzir pornografia feminista? Qual a sua opinião/posição sobre o assunto?

Participante 2: Até meio ano atrás não achava possível. Hoje já estou mudando de opinião e me interessando em explorar a temática.

Participante 3: Acredito que existem pornografias para todos os gostos, tanto que subjulgam mulheres quanto homens, porém as que subjulgam mulheres são mais comuns já que a maioria das pessoas q consomem pornografia são homens, mas é possível encontrar tudo, o que acredito é que a indústria pornográfica deveria ser um ambiente mais seguro e regulamentado para as mulheres, visto os abusos que ocorrem.

Participante 4: Sim

Participante 5: Sim, acho que é possível. Creio que seria uma maneira de empoderar as mulheres e mostrar outras "faces" da relação sexual, não apenas da forma na qual o homem enxerga e obtém prazer.

Participante 6: Não. Estruturadamente, o corpo da mulher é objetificado. A indústria pornográfica é mais um tentáculo do machismo. Onde mulheres são obrigadas a transarem sem preservativos, a fazer sexo anal, a transar por horas seguidas até encontrarem um ângulo certo para câmera... Ou seja, elas são submetidas a condições de humilhação e violência constante

Participante 7: Creio que se trabalhar para evoluir o tema pornografia, pode sim ser possível.

Participante 8: Sim! Pensando na mulher, com enredo bem construído e passado corretamente o que vai acontecer com as atrizes.

Participante 9: Sim! Uma pornografia que foque no prazer da mulher

Participante 10: Eu acho que talvez seja possível sim. Mas a pornografia "feminista" que vi não era tão feminista assim, já que ainda explorava bastante o corpo da mulher. O modo de produção também deve ser feminista, com respeito aos limites da atriz e suas vontades. Há muita podridão na indústria, então evito até mesmo materiais que se autointitulam feministas, pois é quase como comprar comida orgânica: tem que se ter certeza da procedência, ou é mais um material contaminado como qualquer outro.

Participante 11: Não, acredito em nude artístico e só.

Participante 12: Acho que dá sim. Eu procuro assostir mais coisas onde a mulher não esteja tão submissa e subjulgada ao homem. Então seria bacana de ver.

Participante 13: Acredito que sim, mas é difícil sair de uma linha totalmente machista para algo totalmente limpo disso, mas existem diversas possibilidades de se trabalhar com isso sem prejudicar outras mulheres.

Participante 14: Nunca pensei sobre

Participante 15: não. Sexo é sexo, cada um tem sua pira.

Participante 16: creio que sim, pois os pornôns que procuro assistir, são de mulheres se masturbando, casais heterossexuais ou homossexuais fzd sexo de forma descontraída sem colocar a mulher como apenas objeto sexual! É possível sim!

Participante 17: Não.

Participante 18: Sim, acho, inclusive já encontrei vídeos do gênero.

Participante 19: Não.

Participante 20: Creio que sim, mas é ainda um longo caminho a se percorrer.

Participante 21: Sim. Se o material for produzido por mulheres feministas para mulheres.

Participante 22: Não

Participante 23: Não

Participante 24: Acho sim. Apesar de não consumir sei que tem gente que gosta.... Isso poderia até mudar a forma que a sociedade ve o sexo.

Participante 25: Eu acho que sim se a mudança começasse desde os bastidores.

Participante 26: Não. Não há pornografia feminista porque ainda é a venda do corpo da mulher e sua subjugação.

Participante 27: Sim. Eu acredito que se fosse feito de forma que as atrizes são tratadas com respeito é um caminho.

Participante 28: Não tenho opinião formada

Participante 29: Não tenho certeza se é possível, pois mesmo que o conteúdo seja diferente do usual, é difícil traçar uma linha entre trabalho e abuso no caso das atrizes pornôns

Participante 30: Acredito, mas teria que revolucionar o fazer, produção, perspectiva e acesso a pornografia.

Participante 31: Não. Não é possível comprar consentimento. Pornografia é naturalmente antifeminista.

Participante 32: Não acredito

Participante 33: Acho difícil. Acredito q deveria ser feito por mulheres para mulheres, mas respeitando o corpo das atrizes e suas vontades. As atrizes deveriam ter liberdade para escolher quais ações elas querem fazer em cena.

Participante 34: Não tenho uma opinião formada sobre isso mas vou procurar me informar mais

Participante 35: Não!!! Entendo o conceito de pornô female friendly, mas não consigo ver uma solução pro pornô deixar de ser meio de objetificar a mulher.

Participante 36: Pouco provável.

Participante 37: Seria chato com certeza, cheio de mimimi

Participante 38: Acho que é possível dar protagonismo pra mulher, assim como é no sexo da vida real, com um bom parceiro

Participante 39: Sim, mas deve ser difícil

Participante 40: Sim. Basta representar o sexo como uma construção do prazer pelas duas partes envolvidas

Participante 41: Sendo pornografia produzida pra satisfazer um público majoritário masculino, que é socializado de maneira misógina, acredito que não é possível. Se quer faria desse produto economicamente viável.

Participante 42: Sim, depende do interesse feminino em produzir e consumir esse tipo de material

Participante 43: Nunca pensei sobre o assunto...

Participante 44: Acho possivel talvez produzir pronografia nao violenta. Agora "feminista" nao sei.

Participante 45: Sim, pornografia onde as mulheres tenham a liberdade de escolher tambem

Participante 46: Sim! Mas não tenho muita opinião sobre

Participante 47: Acho meio utopico. Tanto que nem sei comp seria tal coisa.

Participante 48: Talvez sim, não tinha ouvido falar, mas achei muito interessante

Participante 49: Creio q sim. O sexo é algo natural portando se quebrar os paradigmas machistas mostrando as mulheres como ser humano com necessidades, desejos, fetiches e etc.

Participante 50: Sim!

Participante 51: Não é possível

Participante 52: Não

Participante 53: Acredito que sim

Participante 54: Não. Pornografia feminista é só mais uma maneira do mercado pornográfico usar a mulher como isca para o prazer masculino

Participante 55: Acredito que sim, imagino pornografia feminista como algo delicado e forte ao mesmo tempo. Embora não se possa excluir os gostos particulares de cada um por dominação e submissão por exemplo.

Participante 56: Não sei se é possível. Nunca pensei especificamente sobre esse assunto.

Participante 57: Eu acho possível sim. Mostrar o ponto de vista feminino do sexo. Dá intimidade e do prazer feminino, que mesmo na própria pornografia ainda é um tabu.

Participante 58: Já soube que existe, mas nunca vi.

Participante 59: Eu acho que sim

Participante 60: Acho que esse tipo de produção é importante porque a pornografia não vai acabar, então precisamos sim produzir algo que não seja tão nocivo e tente reconstruir a ideia de sexo. Por outro lado, não vejo como possível uma pornografia realmente feminista, e não assistiria da mesma forma.

Participante 61: Não sei opinar

Participante 62: Não sei opinar

Participante 63: Acho que sim e gostaria de ser impactada por mais conteúdos feministas inclusive quando consumo material pornográfico.

Participante 64: Acho difícil, nunca vi proposta boa sobre. Pq a gente sempre acaba sendo objetificada.

Participante 65: Nao sou capaz de opinar

Participante 66: Sim. Principalmente pensando no bem estar das profissionais, sem submete-las aos clichês da pornografia.

Participante 67: Sim. Acho totalmente possível e saudável e que é um nicho de mercado a ser explorado.

Participante 68: Se o foco sair do pinto, acredito que seja possível sim.

Participante 69: Sim. Se o prazer, a sexualidade, e o corpo da mulher sejam também protagonistas e reais.

Participante 70: Não nas atuais condições. A indústria, como é hoje, teria que ser totalmente reestruturada. As mulheres teriam que querer trabalhar com isso e não fazerem por necessidade financeira.

Participante 71: Sim

Participante 72: sim, acho possível.

Participante 73: Acho que sim, mas teríamos que jogar fora tudo o que temos como base para pornografia. Pelo menos não vejo a pornografia agradando a ambos os lados quando reforçam estereótipos e colocam as mulheres como submissas. Por outro lado o gosto humano é algo peculiar, e temos que explorar todos os lados... acho que é uma questão bem mais complexa para responder num teste rápido.

Participante 74: não vejo como a pornografia pode favorecer o feminismo

Participante 75: Sim. Alguns filmes mostram mulheres dominadoras. Conduzindo td conforme sua vontade, fazendo do homem um servo.

Participante 76: Não acredito no conceito de pornografia feminista.

Participante 77: Em um mundo onde o machismo não existe seria possível, mas enquanto houve uma diferença estrutural que leve as mulheres para a pornografia mais circunstancialmente do que por livre e espontânea vontade será impossível.

Participante 78: acho muito difícil. mesmo os de erikalust. ela pode ser feminista. mas o trabalho que ela faz não o é.

Participante 79: Acho que sim. Eh um processo e foco totalmente diferente.

Participante 80: Acho que sim. Eh um processo e foco totalmente diferente.

Participante 81: Sim

Participante 82: sim ! conheço uma linha de pornos de uma diretora chamada erika que faz pornos em que o seu publico alvo são mulheres pornos produzida com a consumidora feminina em mente onde tem uma quebra do feticeh masculino e sim da um fofo no femenio

Participante 83: Sim, mas como seria isso?

Participante 84: Não sei se seria uma pornografia feminista (não sei exatamente o que precisaria envolver para isso), mas imagino que filmes mais voltados ao prazer da mulher, que não subjuguem as atrizes e não as façam passar por situações incômodas, passando a imagem de que mulheres devem ser tratadas assim, pode se aproximar de algo feminista, que reconhece que a mulher também sente prazer, tem fantasias, desejos, pode gostar de pornografia etc.

Participante 85: Pode até ser possível, se não houver atitudes machistas de dominação, se houver sexo real, sem aquelas posições ridículas, irrealis e fetichentas, se por trás das câmeras a equipe não for composta como é quase sempre, por homens, se existirem leis que façam a proteção do trabalhador da indústria, e várias outras mudanças, mas creio eu sexo onde a mulher é respeitada, não venderia.

Participante 86: sim

Participante 87: Não acredito que seja possível.

Participante 88: Não. Pornografia é exploração sexual.

Participante 89: Sim. Acredito na possibilidade de uma pornografia que seja mais real, mais igual e que vise a satisfação do público sem a afirmação de estereótipos ou violência de gênero.

Participante 90: Não é possível.

Participante 91: Não

Participante 92: Não é possível.

Participante 93: Não sei, não vejo pornografia como algo que possa ser considerado feminista levando em conta que os corpos dessas mulheres estão a venda. Porém mulheres também tem interesse em pornografia e existem algumas produtoras que procuram atender essa demanda, é uma questão complexa porém eu estou mais inclinada a dizer que não.

Participante 94: Sim. Acredito que o consumo de pornografia, como quase tudo na vida, tenha um potencial negativo e um potencial positivo, dependendo da forma como é levado. Pode ser muito benéfico pra saúde sexual da mulher e pro conhecimento que ela tem do próprio corpo e prazer. Uma pornografia feminista, considerando que o feminismo enxerga homens e mulheres como iguais em termos de direitos, seria aquela que valoriza de igual maneira o prazer dos dois gêneros e que retrata relações sexuais de consentimento e respeito.

Participante 95: Sim. Acho que eu ia me sentir mais confortável, por ser mais realista me daria mais prazer e relaxamento.

Participante 96: sim. acho bastante possível e necessário.

Participante 97: Creio que seja possível, ainda mais com a guinada dos estudos queer. Aprendi muito sobre sexo assistindo pornografia, por isso busco a não moralização do tema. Acho interessante a produção de filmes pornográficos feministas, contanto que estejam realmente alinhados com as causas feministas e não apenas se digam feministas e ratifiquem outras formas de subjugação.

Participante 98: Sim, acho que existem mulheres que realmente gostam de ser atriz pornô e que se elas tivessem mais liberdade de por limites e criar conforme seus gostos, o mercado seria mais feminista

Participante 99: Acho que sim, por mais que a maioria seja voltado para o público masculino

Participante 100: Sim, a partir do momento que a indústria não seja voltada somente pro prazer do homem.

Participante 101: sim.

Participante 102: Acredito que sim

Participante 103: Sim, inclusive eu produzo pornografia do tipo amadora de maneira profissional (parece contradição, mas quis dizer que ganho dinheiro com isso, embora não tenha nenhuma super produção). Metade dos meus trabalhos é fetiche de dominação feminina, e a outra metade é masturbação normal onde meus clientes querem me ver gozar (a maioria dos meus vídeos são feitos sob demanda, encomendados conforme a ideia do cliente, e não produzidos comercialmente para venda). Conheço muitas meninas feministas que são submissas e fazem filmes de submissão feminina, onde

ELAS tem total autonomia sobre o que fazer nas cenas e são donas do dinheiro. Eu tenho o maior prazer em me mostrar, amo meus filmes, tenho outro emprego e pretendo largar para viver exclusivamente disso, pois é minha paixão. Não sou minoria, existem MUITAS meninas vivendo de pornografia amadora hoje, donas de seus próprios sites, com milhares de fãs e a maioria se declara feminista. Sabe quem são nossos maiores vilões? As empresas de cartão de crédito e as mídias sociais, pois elas não aceitam material adulto por conservadorismo. Temos muita dificuldade para receber dinheiro, e temos que pagar uma parcela alta de cada venda como comissão de empresas que fazem o meio campo. Também não conseguimos fazer propaganda em lugar nenhum, nossas contas são fechadas o tempo todo, e nos lugares que aceitam pornografia como Twitter, sofremos o "shadow ban", que é você não aparecer nas pesquisas. Somos extremamente marginalizadas. Paypal, Google (youtube), Facebook, entre outros... nenhuma dessas empresas aceita conteúdo adulto. E é a marginalização que joga muitas meninas para o mainstream, onde elas ficam expostas a todo tipo de violência, pq elas não sabem ou não tem os meios de conseguir fãs trabalhando por si só. Sou super a favor de meninas como Erika Lust e de qualquer mulher que empregue outras mulheres para produzir conteúdo adulto com segurança. O movimento feminista perde muito em dar as costas a pornografia, marginalizando ainda mais as trabalhadoras do sexo (que – pasmem! – não se resume só a prostitutas. Sabia que disk sexo movimenta MUITO dinheiro pela internet hoje?), ao invés de abraçar a pornografia, tomar para si e ditar as regras nós mesmas.

Participante 104: Nunca pensei sobre isso, mas acredito que sim, desde que as atrizes sejam bem tratadas, tenha uma história bacana e sem transformar a mulher num objeto.

Participante 105: Acredito que sim! Eu, por exemplo, não me excito ao ver mulheres jubjugadas, prefiro quando elas estão no comando.

Participante 106: não

Participante 107: Sim.

Participante 108: Acho que não.

Participante 109: Não tenho opinião formada sobre o assunto

Participante 110: Acho que sim, mas não conheço nenhum site que me agrada nesse quesito.

Participante 111: Acho que é possível produzir pornografia que mostre que ato não é forçado e que é bom para ambas as partes. Sem ter que denegrir a imagem da mulher.

Participante 112: Acho, pornografia é produzida por homens reproduzindo o que homens gostam, desejam ou esperam que as mulheres sejam. Se produzida de um olhar feminino acredito que pode mudar e muito esse padrão.

Participante 113: Sim. Acho possível e necessário. E não apenas para atender o público feminino, mas o público masculino também, pois pode apresentar materiais mais saudáveis e mais condizentes com o ideal de prazer igual entre gêneros na prática sexual. Acho interessante também existir materiais voltados ao público feminino também. Acho tanto o viés de igualdade, quanto atender o público feminino coisas importantes.

Participante 114: Sim, mas não concordo que se produza, pornografia causa vários problemas tanto físicos como mentais, pesquise sobre isso.

Participante 115: Talvez, nunca pensei sobre isso

Participante 116: Não sei se feminista seria o termo mais apropriado, mas pornografia focada em agradar o público feminino sim, independente da orientação sexual.

Participante 117: Sim, inclusive acredito que no meio dos showscams pode ser feita uma boa diferença. Trabalho com o mesmo e a realidade é que os melhores clientes tem prazer com o prazer da camgirl.

Participante 118: Acho sim

Participante 119: até acho possível, mas até agora nunca vi.

Participante 9: sim. e tem muitas mulheres já fazendo isto

Participante 120: Díficil que seja, mas não impossível. A pornografia, historicamente, está associada ao domínio masculino no campo social. Em países desenvolvidos, acho que esse debate é mais pertinente e maduro. No Brasil, com crianças sendo prostituídas por suas famílias não.

Participante 121: Feminista, não sei dizer, mas, igualitária sim.

Participante 122: Acredito que é possível pensar mais no público feminino quando produz, escolhas menos ""humilhantes"" para a mulher, embora ache bem complexo o

tema e a discussão sobre se é possível que uma mulher seja atriz pornô sem que seja explorada pelo machismo. Acho que cabe a mesma discussão que sobre prostituição.

Participante 123: Não tenho opinião 100% formada do assunto, e como mulher feminista que consome pornografia, me sinto bem dividida. Acho que pornografia tem sua importância, mas não saberia dizer como exatamente poderia melhorar.

Participante 124: Não sei.

Participante 125: Já vi muitos extremamente sensuais e feministas. Então é possível sim

Participante 126: Não, por causa da indústria em si. Apesar de ser uma proposta legal, não tem como desvinculá-la da indústria. Li uma comparação que me chamou atenção uma vez: "é como ir no McDonald's e comer salada". Você não está consumindo aquilo exatamente, mas ainda está financiando.

Participante 127: Penso que sim

Participante 128: Acho que sim, apesar de nunca ter pensado sobre. Teria que ser uma pornografia menos violenta e menos submissão também.

Participante 129: Não. Sendo pornografia um meio de exploração da mulher (adultas ou não), ter pornografia "feminista" é só compactuar com uma indústria de exploração, objetificação e mal estar humano.

Participante 130: Não

Participante 131: Não. Creio que todo tipo de pornografia serve como uma forma de exploração do corpo alheio, muito difícil alguma mulher realmente querer ser atriz pornô por vontade própria, é mais por necessidade, se enquadra na mesma categoria da prostituição.

Participante 132: Não. Se o corpo é objetificado acho impossível.

Participante 133: acredito que se trabalhar mais o lado natural do sexo é possível. Filmes como 9 Canções, por exemplo, o qual contém cenas reais de sexo, não vejo como machista. O filme pode ter outras questões, mas são duas pessoas se dando prazer e conhecendo seus corpos. Entendo que para isso precisa haver uma desconstrução e desmitificação do sexo, por isso, há um longo caminho para frente para fazermos filmes que não são só pessoas metendo.

Participante 134: Não.. não imagino como seria. A mulher como foco? Por tras das câmeras os produtores, diretores dos filmes seriam mulheres? Acho difícil concordar com isso

Participante 135: sim. apenas levando em consideracao que a mulher é protagonista do prazer tambem.

Participante 136: Sim, eu acho que traria para o público algo mais próximo da nossa realidade, afinal, ninguém transa como os filmes atuais são feitos. Ao mesmo tempo que acredito que seja um diferencial atrativo, diferente do que é mostrado hoje, tenho um pouco de dúvidas em relação a aceitação do público que assiste esse conteúdo. Eu particularmente me interessaria.

Participante 137: Sim, acho que pode ser interessante

Participante 138: Não, pois se o feminismo repudia a exploração da sexualidade da mulher ele não deveria apoiar a indústria pornográfica de nenhuma maneira, mesmo se liderada por mulheres, pois ninguém tem o direito de explorar uma mulher, inclusive outras mulheres.

Participante 139: Não tenho uma opinião formada

Participante 140: Não sei exatamente o que pode ser uma pornografia feminista, acho os filmes antigos mais autênticos.

Participante 141: Acho difícil.

Participante 142: É difícil, ainda não tenho uma opinião formada sobre o assunto

Participante 143: Acredito que sim. Muitas mulheres gostam de assistir, porém deixam de lado porque a maioria é usando a mulher como objeto.

Participante 144: Com certeza. Apoio

Participante 145: Acho que sim, sexo é ora todo mundo.

Participante 146: o que seria a pornografia feminista em si?

Participante 147: Sim, acho que é possível ter uma pornografia igualitária e empoderadora

Participante 148: Sim

Participante 149: é possível produzir pornografia com condições decentes de trabalho e que não reforce estereótipos sexistas.

Participante 150: Creio que sim, mas não tenho muito conhecimento para opinar.

Participante 151: Sim

Participante 152: Sim, é possível, urgente e necessário. Assisti o documentário Pornocracy e me abalou muito pensar que esse consumo de sites gratuitos pode estar fortalecendo uma rede mafiosa e obscura dentro desse sistema já falido que é nosso capitalismo.

Participante 153: Acho que pode ser produzida, creio que o consumo seja baseado no fetiche, e qdo falamos disso temos um universo ai p todos os gostos.

Participante 154: sim

Participante 155: Não sei. Acredito que se exista, deve estar em "estudo" ainda

Participante 156: É difícil, mas não impossível. Visto que muitos comportamentos são culturais e difíceis de serem desassociados do sexo

Participante 157: Sim, interessant

Participante 158: Sim.

Participante 159: Acredito que depende do fetiche da pessoa.

Participante 160: Sim. Nós mulheres temos outra visão em relação ao sexo

Participante 161: acredito que sim

Participante 162: Acredito que sim. Mas ainda estamos muito longe disso.

Participante 163: Sim. Não acredito que toda pornografia seja ruim. É ruim quando não se é educada ou educado para tal.

Participante 164: Acho que sim. gostaria de ver.

Participante 165: Sim

Participante 166: Sim, cada dia mais surgem produtoras e diretoras focadas em atender o publico feminino

Participante 167: Não sei dizer... algo mais igualitário, pensando em coisas q mulheres gostariam já seria melhor. Porém, acho que prefiro os vídeos amadores, pois acredito q a indústria pornô seja nociva pra quem trabalha nela.

Participante 168: Acho que dá pra ser menos ruim, produzir respeitando as mulheres, melhorando a concepção dos roteiros. Não sei se sexo pode ser feminista, mas dá pra produzir filmes que não sejam cruéis com as mulheres envolvidas.

Participante 169: Sim! Igual a da Erika Lust <3

Participante 170: Sim, é possível e creio que, aos poucos, pequenas produtoras já estão começando a olhar para esta possibilidade e também para uma pornografia mais realista.

Participante 171: Sim, depende do roteiro, imaginação, etc

Participante 172: Não tenho posição formada. Acho complicado e difícil uma pornografia se intitular feminista.

Participante 173: não

Participante 174: Acredito que sim, mas desde que se tenha pleno cuidado com as atrizes que representam esses filmes. Nada adianta ter um filme em que coloque a atriz em uma situação super desagradável nos bastidores

Participante 175: Indecisa

Participante 176: Não, pois a pornografia nada mais é do que a prostituição assistida. E não tem como prostituição ser feminista visto que mercantiliza corpos femininos.

Participante 177: Acho que pornografia é pornografia, nem machista nem feminista

Participante 178: Acho difícil. Mas acredito que a tentativa seja válida.

Participante 179: Sim. Inclusive sinto muita falta de um que não me deixe desconfortável ao assistir.

Participante 180: Acho que não, difícil desassociar a pornografia de aspectos machistas, como a submissão.

Participante 181: Imagino que sim. As mulheres precisam se soltar mais e pesquisar mais sobre filmes pornográficos

Participante 182: Acho que é possível, mas me atrai mais a ideia de uma pornografia ligada ao prazer pelo prazer, mais real, próxima ao que de fato é a vida sexual saudável

Participante 183: nao. pornografia é masculina. mas existe como criar conteudo erotico direciobado ao publico feminino

Participante 184: Sim e ja está sendo feito

Participante 185: Não é possível. Empresas ganhando dinheiro através da venda do corpo e imagem de mulheres não tem nada de feminista, o capitalismo e o patriarcado andam juntos e é muito conveniente produzir e vender pornografia se dizendo feminista mas lucrando com a exposição e sexualização do corpo de outras mulheres, reformismo e representatividade dentro do capitalismo não faz o capitalismo menos exploratório.

Participante 185: Sim. Gostei dos filmes da Erika lust

Participante 186: Acredito que sim, mas não tenho propriedade no assunto para opinar acho difícil

Participante 187: Não. O corpo da mulher não deve ser explorado comercialmente. Isso não é liberdade sexual. Caso a mulher esteja envolvida com o parceiro, lubrificada e seja respeitada e esse momento seja gravado, ainda assim, ela será exposta e homens ganharão em cima disso. O lucro dela é mínimo comparado aos dos grandes homens da indústria pornográfica

Participante 188: sim.

Participante 189: Sim, acho válido espero q role

Participante 190: Não, a mulher ela é melhor no erotismo

Participante 191: Sim, acho!

Participante 192: Sim, tenho esperança e já tenho visto algumas formas de pornografia voltado para o público feminino. Ainda assim, acho que muitas vezes esse tipo de material fica restrito ao sexo romântico e acredito que ainda carece de um empoderamento e narrativas feministas.

Participante 193: Não consigo compreender onde estaria o feminista do filme. O que caracterizaria feminismo num filme pornô. Talvez, como falei antes, uma postura feminista de bastidor. Não sei, é complexo.

Participante 194: Sim. De uma forma mais natural e que possa agradar todo tipo de público, e não apenas homens héteros

Participante 195: Não acho que seja possível uma pornografia feminista porque acredito que a pornografia põe a mulher num lugar de objeto de desejo e isso é algo que não se enquadra no feminismo

Participante 196: Eu acredito que é possível mas nunca pensei sobre

Participante 197: sim. Procuo ouvir trabalhadoras sexuais que se consideram feminista sobre esse ponto e acredito que sendo nosso corpo livre, podemos usá-lo do modo que quisermos, desde que seja uma escolha nossa

Participante 198: Talvez, mas não tenho opinião formada sobre

Participante 199: não, impossível! vender o corpo não é empoderamento, ainda mais quando a maioria que irá consumir são homens. sexo sem consentimento é estupro, inclusive que por dinheiro. feminismo não eh mercado.

Participante 200: Não. Não vejo motivo para tal, não precisamos de mais pornografia para tentar compensar algo, apenas combater a que existe. Não importa quem faz a pornografia, a pornografia em si é errada. Se outra for criada, também pode acarretar em problemas sexuais para o indivíduo e também para a sociedade como um todo pois ela vicia. Sou total a favor de arte erótica, se expressar também no sexo, mas pornografia dentro da industria de filmes acabaria dando na mesma da que já existe. Fora que a pornografia só existe dessa forma num mundo onde o sexo é tabu, por isso acaba tomando enredos "bizarros", digamos. Então, no mundo atual, não rola em pensar em pornografia como algo que possa ser saudável pq nem conseguimos ver sexo como algo natural. Sexo ainda é tabu, infelizmente.

Participante 201: Nao

Participante 202: Ainda não pensei sobre isso, mas não acho possível.

Participante 203: A indústria pornográfica é machista em suas origens, em seu âmago. Os homens continuam sendo os grandes privilegiados e protegidos nessa indústria. Logo, por um lado, a pornografia, enquant indústria, jamais será feminista. Mas as mulheres também podem gostar e querer consumir material pornográfico...então acredito que haja uma pornografia, mais "desvinculada" do capitalismo, que pode ser feminista de alguma forma.

Participante 204: Não sei ao certo. Não pensei sobre isso.mas digo. Nós mulheres tb consumimos pornografia e gostamos. E gostamos de produzir nossos nudes caseiroa tb.

Participante 205: Não, porque a pornografia não se reduz a um ou outro filme, ou um ou outro estúdio, e sim a toda uma indústria e estrutura social que explora mulheres. E, por mais que a pessoa queira produzir um material pornográfico diferenciado, ela não vai mudar essa estrutura, por isso, não se pode falar em "pornografia feminista", porque de uma forma ou de outra as mulheres vão continuar sendo exploradas, se não são por quem produz, são por quem consome.

Participante 206: Não tenho opinião sobre o assunto

Participante 207: Apesar de muitos discordarem, acredito que sim, mas não é tão fácil. Não é certo dizer que toda pornografia é machista por serem feitas para o consumo masculino, já que há mulheres que assistem também.

Participante 208: Tendo por "feminista" o seu significado real, de igualdade entre os gêneros, acho um pouco difícil, justamente porque homens e mulheres costumam lidar com o sexo de formas diferentes. Se para eles um estímulo visual é o suficiente para deixá-lo pronto, para a mulher isso leva um tempo, funciona de outra forma (claro que tô generalizando). Não sei de que forma esse "equilíbrio" seria representado para agradar a ambos. Agora, se estivermos falando de algo como citei na pergunta anterior, sobre pornô sob a ótica da mulher, voltado a despertar o desejo e fantasias da mulher, aí sim. Perfeitamente possível, necessário e acho até que já tem gente fazendo (mas nunca assisti).

Participante 209: Acredito q as fantasias são muitas e a visão da mulher não é explorada

Participante 210: Sem rótulos. Acho que seria interessante fazer um filme nesse gênero mais voltado para a cabeça da mulher seja o filme com uma pegada gay ou hetero.

Participante 211: Acredito que sim

Participante 212: Sim, acho.

Participante 213: Nunca pensei nisso, mas acho que sim. De forma que a mulher seja livre no estúdio para fazer da forma que achar melhor, sem ser obrigada a passar por situações constrangedoras e de abuso ou violência.

Participante 214: Acredito que sim, se o retrato de ambos os gêneros for feito de maneira igualitária

Participante 215: Sim! Acho que dá pra colocar relacionamentos mais lineares entre os personagens, um sexo mais real, sem caricaturas que acabam reforçando as diferenças de gênero.

Participante 216: Nunca havia pensado na possibilidade

Participante 217: Não acho que seja possível.

Participante 218: Eu não vejo como, mas estaria aberta a conhecer.

Participante 219: Não sei o q significa pornografia feminista

Participante 220: Não sei. Acreditava que sim, acompanhei um pouco do trabalho da Erika Lust, mas me decepcionei muito após ver o documentário "Hot Girls Wanted", que mostra o trabalho dela em um dos episódios e ela acaba não parando uma cena quando a atriz pede para parar. Desde então, não sei se acredito que possa haver pornografia feminista.

Participante 221: Sim. Acho possível e necessário para mudar a visão do sexo, da fantasia e do papel da mulher nisso tudo, principalmente para futuras gerações.

Participante 222: Não

Participante 223: Não, não existe compra se consentimento.

Participante 224: sim, principalmente em pornô lésbico. é possível colocar as mulheres como protagonistas em busca de seu próprio prazer e não a serviço do prazer de um homem

Participante 225: Não sei opinar! Ainda não pesquisei nada sobre isso!

Participante 226: sim. o ângulo da câmera pode ser menos explícito, a mulher não precisa sempre servir, sentir dor, somente com aquele sexo "batedeira", sem submissão ao sexo oral masculino

Participante 227: Não sei, uma pornografia onde todos os corpos sejam aceitos? Onde a mulher não seja xingada? Talvez.

Participante 228: Espero que sim, pois utilizo a pornografia para me desligar dos meus pensamentos enquanto me masturbo. E gostaria de achar mais facilmente filmes que sejam mais realistas e que eu possa ter certeza que as atrizes não estão sofrendo

Participante 229: Acho que sim. Visualmente na pornografia ""regular"", muitas vezes é perceptível que o que fazem ali é dolorido e agressivo no sentido de ""ruim"" mesmo, parece que não tem prazer naquilo, apesar de gosto ser muito particular.

Participante 230: Pornografia feminista poderia ser mais ""real"", no sentido de entregar um material mais sincero com o prazer feminino. Mas ainda assim, acho importante pesquisar com as mulheres, porque é um universo abrangente.

Participante 231: Acho que é possível, mas não acho que já exista. A partir do momento que a intenção são as vendas e o lucro, é muito difícil manter o empoderamento da mulher, já que o público alvo é a maior parte masculino.

Participante 232: Lógico que sim!!!! As mulheres iriam aprovar muito mais esse tipo de mercadoria e iriam achar que estariam tratando-as como iguais, que entenderiam o lado positivo da importância de mostrar o nosso "verdadeiro eu", aquelas cenas mais naturais, sem artificialismo de gemidos, de gestos, de postura.. onde só nós fazemos anal, onde só nós chupamos (nunca vi uma cena bem feita de sexo oral numa mulher, só mulher que tem que fazer em homem), onde a mulher não tem estimulação a nada para poder sentir a vontade de fazer realmente o ato, onde a gente tem que deixar homem gozar dentro da nossa boca só porque eles querem e estão afim, não se passar a importância de usar camisinha até nesse setor também acho que seria muito válido em alguns filmes se passassem as rolas todas embaladinhas...Se existissem mais filmes com a proposta de sensualidade e erotismo mais puxado para o lado "romântico" ou pelo menos mais sincero da visão de mundo da mulher este mercado só passaria a ganhar mais público isso sim!

Participante 233: Desconheço completamente alguma produção assim.

Participante 234: Lógico que sim!!!! As mulheres iriam aprovar muito mais esse tipo de mercadoria e iriam achar que estariam tratando-as como iguais, que entenderiam o lado positivo da importância de mostrar o nosso "verdadeiro eu", aquelas cenas mais naturais, sem artificialismo de gemidos, de gestos, de postura.. onde só nós fazemos anal, onde só nós chupamos (nunca vi uma cena bem feita de sexo oral numa mulher, só mulher que tem que fazer em homem), onde a mulher não tem estimulação a nada para poder sentir a vontade de fazer realmente o ato, onde a gente tem que deixar homem gozar dentro da nossa boca só porque eles querem e estão afim, não se passar a importância de usar camisinha até nesse setor também acho que seria muito válido em

alguns filmes se passassem as rolas todas embaladinhas...Se existissem mais filmes com a proposta de sensualidade e erotismo mais puxado para o lado "romântico" ou pelo menos mais sincero da visão de mundo da mulher este mercado só passaria a ganhar mais público isso sim! Aliás os produtores a maioria das vezes acham que nos mulheres que assistimos aos filmes somos tão burrinhas que assistidos sem olhar crítico da coisa né? Só pode! Hahaha

Participante 235: Acho que Sim, desde q se coloque em um lugar diferente à mulher e se exponham corpos reais

Participante 236: Não. Exploração do corpo feminino jamais pode ser considerado feminista, independente de quem esteja produzindo.

Participante 237: Acho que sim, mas creio que é algo complexo. Não faz sentido produzir pornografia teoricamente feminista, se as mulheres que estão atuando não estão sentindo prazer ou estão se sentindo mal, ainda que o conteúdo do pornô não degrade as mulheres.

Participante 238: sim.

Participante 239: claro! ao meu ver, o feminismo traz um contraponto a maneira como nos relacionamos hoje em dia. essas relações são contruídas numa sociedade capitalista, patriarcal, machista, racista, misógena. a pornografia se constrói nesse lugar tbm. então, uma pornografia feminista é um contra ponto a isso.

Participante 240: Difícil....não impossível.

Participante 241: Mas é claro que sim!

Participante 242: Acho que dá pra produzir pornografia menos escrota, mas nao feminista. Meu conceito de feminista é bem diferente disso.

Participante 243: Nunca pensei sobre. Mas acredito ser possível desenvolver pornografia que agrade a todos

Participante 244: Sim. Desde de que as produtoras não foquem apenas em produção de filmes para o público masculino e que as atrizes tenham seus direitos respeitados e tenha vínculo trabalhista como qualquer trabalhador comum

Participante 245: Acredito que sim. Não li sobre isso ainda, porém, tenho visto vídeos em que (finalmente) as mulheres passam a ter mais atenção, no sentido de que não fica apenas o homem tendo prazer e usando a mulher.

Participante 246: sim. adoraria poder consumir algo em que nao somos simplesmente objetos dos homens.

Participante 247: Sim, acho. Mas ainda não vi nada parecido com o que poderia ser uma suposta pornografia feminista, em que ambos os parceiros tivessem prazer e não houvesse valorização extrema de certas posições tradicionais da pornografia não-feminista ou ângulos/tomadas de câmera.

Participante 248: Acho que sim, é possível. Preciso pensar mais a este respeito, mas acredito que seja possível desenvolver conteúdo pornográfico não agressivo às mulheres.

Participante 249: Sim

Participante 250: Talvez. Mas teriam que ser mulheres que realmente querem isso, não que façam por falta de opção, se n será estupro pago. Agora, não tenho ideia de como assegurar que as atrizes façam isso por realmente querer MESMO. Então acho muito difícil dizer que é possível pornografia feminista

Participante 251: Eu nao sei exatamente se é possível. Mas eu me agradaria muito, porque gostaria de ter o sexo naturalizado e que ajudasse mulheres que gostam de ter a parte visual que só videos podem proporcionar. Acredito que fazendo tudo parecer mais real e menos um show de alimentar fantasias masculinas: mostrando sexo como ele de fato é, seria um caminho

Participante 252: Ainda não consegui formar uma opinião sobre

Participante 253: Com certeza

Participante 254: Sim

Participante 255: Não

Participante 256: Sim

Participante 257: Já li vários relatos em que o tratamento aos atores dos filmes da Erika Lust é igual à pornografia mainstraim. Continua-se comprando o corpo dessas mulheres, que são as mais afetadas por essa indústria. A mulher continua sendo um produto. Você

não tá ali transando por prazer, é tudo performance. E, a partir do momento em que você não transa por prazer, isso vira estupro. Quantas são as mulheres que estão ali por que querem? 1%? Então não, não acho que exista pornografia feminista.

Participante 258: Tenho refletido muito sobre o assunto. Eu acho que o sexo é uma ferramenta de libertação da mulher. Entretanto, sendo repetitiva, ainda não encontrei material que não reproduzisse o padrão...

Participante 259: Sim, mulheres consomem tanta pornografia quanto os homens, somente falam menos sobre o assunto pelo pudor que possuem. É importante a presença de pornografia que retrate o que as mulheres querem consumir, a representatividade de que mulheres podem e devem sentir prazer na relação sexual, sem ser de uma forma caricata e irreal.

Participante 260: Acredito sim